

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA

SAULO DURSO FERREIRA

**A NOÇÃO DE EGO NA OBRA DE
D.W. WINNICOTT**

CAMPINAS

2011

SAULO DURSO FERREIRA

**A NOÇÃO DE EGO NA OBRA DE
D.W. WINNICOTT**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia como profissão e ciência

Orientador: Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio

PUC - CAMPINAS

2011

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação – SBI – PUC – Campinas

Ferreira, Saulo Durso

A noção de ego na obra de D.W Winnicott / Saulo Durso
Ferreira. - Campinas. PUC:Campinas, 2011.
94P.

Orientador: Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio.
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-graduação em
Psicologia.

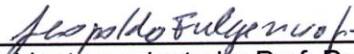
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Centro de Ciências da Vida - Programa de Pós-Graduação

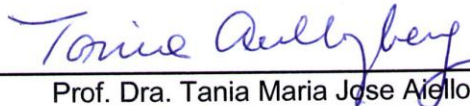
SAULO DURSO FERREIRA

A NOÇÃO DE EGO NA OBRA DE D. W. WINNICOTT

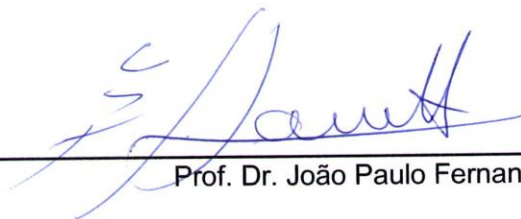
BANCA EXAMINADORA



Presidente e orientador Prof. Dr Leopoldo Fulgencio



Prof. Dra. Tania Maria Jose Aiello Vaisberg



Prof. Dr. João Paulo Fernandes Barretta

Campinas, 15 de 02 de 2011.

Dedico este trabalho aos meus pais por
sempre colocarem a educação como
prioridade na minha vida.

Agradecimentos

“Aprendi novas palavras e tornei outras mais belas...”¹

Agradeço primeiramente a Deus e à Música, por serem ambos imensos e que, apesar de eu não poder ver, posso senti-los e tê-los como refúgio e conforto nos meus momentos de angústia.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio, por me auxiliar neste início de carreira acadêmica, mantendo-me sempre no caminho de uma pesquisa séria e bem fundamentada. E, apesar de todo seu rigor metodológico, sempre oferecendo um bom acolhimento nos momentos necessários.

À Prof. Dra. Tania Aiello Vaisberg por seus valiosos apontamentos e sugestões dadas na data da minha qualificação, possibilitando com que novos caminhos fossem seguidos, tudo isso dentro de um clima bem humorado e agradável que fez por transformar a qualificação numa experiência muito significativa.

À Prof. Dra. Marcia Hespanhol que gentilmente esteve presente na minha qualificação, oferecendo opiniões que contribuíram para a clareza das ideias desenvolvidas neste trabalho.

Ao Prof. Dr. João Paulo Barreta por sua presença no dia da defesa da minha dissertação e por seus ricos apontamentos.

À CAPES pelo apoio e incentivo ao longo destes dois anos de estudo.

Ao meu pai por ser um grande estimulador da minha busca de conhecimento, e também por me ensinar a sempre enxergar o lado bom das coisas.

À minha mãe por ter me ensinado, mesmo que sem este intuito, a ter sensibilidade pelas coisas do mundo, desde detalhes de uma música triste até sacadas humorísticas de situações cotidianas.

À minha irmã e ao meu cunhado, por trazerem descontração nos momentos de descanso e também por me presentear em neste fim de percurso com um sobrinho, o Bento.

¹ Trecho do poema “Canção Amiga” de Carlos Drummond de Andrade e transformada em música por Milton Nascimento.

À minha namorada, Jussara, por todo apoio, paciência, cuidado e carinho nesta trajetória de dois anos que durou o mestrado. Quantas vezes na praia ela dizia, “Saulo vá ler Winnicott”. Jú, muito obrigado!

Aos meus amigos de todos os dias que prefiro não citar todos para não ser injusto, caso deixe um ou outro de fora, afinal são muitos. Agradeço por respeitarem minha ausência enquanto me dedicava a uma atividade ou outra do mestrado. Finalmente quando me virem não vão perguntar “e como anda a dissertação?”

Aos meus amigos da PUCCamp: Priscila, Renata, Lucas, Marília, Ricardo, Sílvia, Carolina, Cláudia, Fernanda, João, Carla, Raquel Guzzo, Ana Paula, por estarem ao meu lado ao longo de todo este percurso e por serem pessoas queridas que me auxiliaram em muitos momentos, tanto na parte técnica, lendo meu trabalho por exemplo, até o auxílio afetivo, seja em uma conversa, seja em um “vamos tomar um café”.

Aos meus professores de toda a vida.

À Margaret Pela por ter feito a revisão deste trabalho, por todo o seu cuidado e atenção.

E, por fim, agradecer ao Prof. Arialdo Germano (Ari) por todo nosso percurso junto, inicialmente como meu professor e que hoje está no papel de meu aluno de violão.

Ao Prof. Antonio Carlos Possa por todo carinho e bom humor com que sempre me tratou ao longo da minha especialização no IPPESP, e ao Prof. Dr. Joaquim Coelho Filho, que me acolheu perdido no fim da graduação indicando um caminho a seguir, ensinou-me a ler Winnicott, ensinou-me o que é ética na profissão e o que é ética na vida. Joca, obrigado pelas broncas, e que elas não cessem.

RESUMO

FERREIRA, Saulo Durso. *A noção de ego na obra de D.W. Winnicott*. 2011. 94f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2011.

Este trabalho tem como objetivo fazer um estudo crítico da noção de ego na obra de Winnicott. Tomam-se, como linha organizadora deste estudo, os trabalhos em que Winnicott trata diretamente da questão, assim como de críticas feitas por ele a outros autores no que se refere ao tema. Em primeiro lugar, procura-se explicitar as teses gerais de Freud e Klein sobre a noção de ego por serem estes dois autores, as principais influências de Winnicott. Será também explicitada a noção de ego desenvolvida por Fairbairn, dado que o diálogo e o posicionamento de Winnicott em relação às concepções de Fairbairn é um fator significativo para a compreensão das concepções elaboradas por Winnicott. Em seguida, procura-se esclarecer as noções de *self*, *ego*, *EU SOU*, e *narcisismo primário*, em Winnicott, mostrando que para ele não há, no início, um ego primordial, dada a grande imaturidade do bebê. Esta posição de Winnicott o levará a uma concepção diferente daquela proposta por outros autores clássicos da psicanálise, mais ainda, ele apresentará dois sentidos para a noção de ego. Primeiro, como uma tendência inata do indivíduo a se integrar, levando assim a uma teoria sobre a constituição do ego como uma unidade a ser conquistada a partir da qual relações objetais possam ser estabelecidas. Segundo, Winnicott refere-se ao ego como sendo a expressão dos diversos tipos de integração que se referem à constituição e unidade do sujeito psicológico. O esclarecimento e a compreensão que Winnicott tem dos processos de integração do ego contribuem tanto para compreender as dinâmicas que compõem as fases mais primitivas do desenvolvimento, quanto contribuem para clarificar em que sentido a teoria psicanalítica se desenvolveu com a obra deste autor.

Palavras-chave: Ego. Self. Ambiente. Imaturidade. Integração.

ABSTRACT

FERREIRA, Saulo Durso. *The concept of ego in the work of D. W. Winnicott*. 2011. 94f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2011.

This work aims to make a critical study of the concept of ego in the work of Winnicott. The main stream of this study is the works in which Winnicott directly addresses the question as well as the criticisms he made to other authors with regard to this subject. Firstly, it is explained the general theories of Freud and Klein on the concept of ego because these two authors are the main influences of Winnicott. It is also explained the concept of ego, developed by Fairbairn since the dialogue and position of Winnicott towards Fairbairn's ideas is a significant factor for understanding the concepts elaborated by Winnicott. Then it attempts to clarify the notions of *self*, *ego*, *I AM*, and primary narcissism according to Winnicott, showing that for this author, at the beginning, there is not a primordial ego, due to the great immaturity of the baby. This position of Winnicott will lead him to a different concept from that proposed by other authors from classical psychoanalysis, even more, he will present two meanings for the notion of ego. First, as an individual's innate tendency to integrate, thus leading to a theory about the formation of the ego as a unity to be achieved from which object relations can be established. Second, Winnicott refers to the ego as the expression of various types of integration that refer to the constitution and unity of the psychological subject. Winnicott's clarification and understanding of the integration processes of the ego contribute both to understand the dynamics that make up the earliest phases of development, and help to clarify the sense in which psychoanalytic theory has developed with the works by this author.

Keywords: Ego. Self. Environment. Immaturity. Integration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 Apresentação e objetivos.....	11
2 Justificativa.....	15
3 Método.....	19
4 Desenvolvimento.....	21
CAPÍTULO 1	
BREVES EXPOSIÇÕES DA NOÇÃO DE EGO PARA FREUD, KLEIN E FAIRBAIRN.....	24
1.1 Esclarecimentos sobre a tradução do termo ego.....	24
1.2 A noção de ego para Freud.....	25
1.3 A noção de ego em Klein.....	29
1.4 A noção de em Fairbairn.....	32
CAPÍTULO 2	
WINNICOTT E A NOÇÃO DE EGO.....	36
2.1 Contexto e estilo.....	36
2.2 A teoria do amadurecimento em linhas gerais	40
2.3 O uso da palavra ego ao longo da obra de Winnicott....	46
2.4 A noção de ego em Winnicott.....	61
2.5 O ego em um contexto que envolve os conceitos de: narcisismo primário, eu e não-eu, EU SOU e Self.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

1 Apresentação e Objetivos

A unidade do sujeito psicológico, tomada como parâmetro para a construção de quadros nosológicos, é um dos fundamentos da psiquiatria moderna. Foucault (2008), analisou a história da psiquiatria esclarecendo que, como necessidade de considerar a totalidade psicológica em relação à “patologia mental” (p.14), a doença era, então, considerada como uma desorganização das estruturas da personalidade, e assim, as psicopatologias ficaram divididas em dois grandes grupos: as neuroses e as psicoses. Enquanto na primeira a perturbação era em um setor da personalidade, na segunda a perturbação dava-se de maneira generalizada.

De acordo com Foucault as psicoses seriam:

Perturbações da personalidade global que comportam: um distúrbio do pensamento (pensamento maníaco que foge, corre, desliza em associações de sons ou jogos de palavras; pensamento esquizofrênico, que salta, pula por cima dos intermediários e avança aos solavancos ou por contrastes); uma alteração geral da vida afetiva e do humor (ruptura do contato afetivo na esquizofrenia; intensas colorações emocionais na mania ou na depressão); uma perturbação do controle da consciência, da perspectivação dos diversos pontos de vista, formas alteradas do sentido crítico (na paranóia (*sic*), crença delirante em que o sistema de interpretações antecipa as provas de sua exatidão e é impermeável a qualquer discussão; indiferença do sujeito paranoide pela singularidade da sua experiência alucinatória, que tem para ele valor de evidência). (2008, p.14).

Do outro lado, afetando um aspecto da personalidade estavam as neuroses, que de acordo com autor apresentam as seguintes características:

[...] ritualismo dos sujeitos obcecados a respeito deste ou daquele objeto, angústia provocada por determinada situação na neurose fóbica. Porém, o curso do pensamento permanece intacto na sua estrutura, conquanto seja mais lento nos sujeitos psicasténicos; subsiste o contato afetivo, com o risco de ser exagerado até a susceptibilidade pelos sujeitos histéricos. Por fim, o sujeito neurótico, mesmo quando apresenta obliterações de consciência como o sujeito histérico ou impulsos incoercíveis como o sujeito obcecado, conserva a lucidez crítica a respeito dos seus fenômenos mórbidos. (Foucault, 2008, p.14).

Desta forma o parâmetro de avaliação das psicopatologias, assim como o elemento em que ela se desenvolve, passou a ser personalidade estruturada, sendo ela simultaneamente “a realidade e a medida da doença” (Foucault, 2008, p.15). Foi dentro deste cenário, a psiquiatria do fim do século XIX, que Freud iniciou seus primeiros trabalhos e, assim como Foucault, considerava as neuroses e psicoses como os dois grandes grupos de afecções psicológicas, no entanto, o seu critério de avaliação da doença era o “ego”: “A neurose seria o resultado de um conflito entre o ego e o Id², ao passo que a psicose seria o resultado de uma perturbação nas relações que o ego mantém com o mundo externo.” (Freud, 1923b, p.95).

Freud toma como pessoa, pelo menos inicialmente, a noção de ego (Laplanche & Pontalis, 2004; Lins, 2002) e assim fica claro que, de acordo com suas formulações, tanto nas psicoses quanto nas neuroses, trata-se de perturbações psicológicas em uma pessoa inteira, indo ao encontro daquilo formulado por Foucault. O modelo de pessoa total, ou seja, de um sujeito dotado de um ego coeso, inteiro e com capacidade de estabelecer relações objetais desde seu nascimento, passou a servir de modelo para construções teóricas posteriores. Klein (apud Hinshelwood, 1992), por exemplo, ainda que considerasse a presença de cisões no ego, atribuía ao bebê capacidades extremamente sofisticadas pressupondo uma pessoa total, um ego maduro lidando com objetos externos, com capacidade de odiar e de sentir inveja. Contudo, apesar de ser um ponto de concordância de muitos autores também será o ponto de discórdia de outros, como é o caso de D. W. Winnicott.

Winnicott fazia parte da Sociedade Britânica de Psicanálise, mais precisamente do denominado Grupo do Meio (Kohon, 1994), tendo sido influenciado principalmente por Sigmund Freud e por Melanie Klein. Entretanto, apesar de sua base teórica estar sob estes dois autores fundamentais, Winnicott fez mudanças significativas em aspectos teóricos e na prática clínica, (Greenberg & Mitchell, 1994; Bleichmar, 1992; Abram, 1996), que o levou ao afastamento de alguns conceitos clássicos até então estabelecidos. Para ilustrar um desses distanciamentos segue uma crítica em relação ao tipo de paciente que a psicanálise toma como básico na sua abordagem:

² Considerarei o id dentro de uma leitura que, como Winnicott faz, considera-o como sinônimo de instintualidade.

As mais importantes contribuições de Winnicott à psicanálise começam com sua observação de que a teoria clássica e o tratamento psicanalítico de neurose tomam como base algo muito básico: que o paciente é uma pessoa. Com isso ele quer dizer que se supõe que o paciente tem uma personalidade unificada e estável, disponível para a interação com outros. (Greenberg & Mitchell, 1994, p.140).

Winnicott (1960c) deixa isso claro ao afirmar que as formulações de Freud sobre os mecanismos de defesa do ego “pressupõe uma separação do *self* e a estruturação do ego” (p.42), e com isso, dois problemas são ignorados, os pacientes que “não são pessoas”³ e aqueles com dificuldades relacionadas aos “primeiros processos desenvolvimentais” (Greenberg & Mitchell, 1994).

Nesta mesma direção, Winnicott (1965va) critica o trabalho de Klein em relação à questão da “posição depressiva”. Primeiramente aponta esta formulação teórica como de “igual” importância ao conceito freudiano de Complexo de Édipo e, ao fim, faz o seguinte comentário:

Este se relaciona com o relacionamento a três pessoas e a posição depressiva de Klein se relaciona com o relacionamento a duas pessoas – o do lactente com a mãe. O principal ingrediente é o grau de organização e a força do ego no bebê e na criança pequena e por esta razão é difícil colocar o início da posição depressiva antes dos 8-9 meses, ou de um ano (Winnicott, 1965va, p.160).

Conceber um relacionamento entre duas pessoas já envolve, como o próprio nome sugere, a existência de uma pessoa, que no contexto da teoria winnicottiana tem como condição um ego coeso e integrado capaz de estabelecer relações. Em outro momento, Winnicott (1959) critica a formulação de Klein sobre a “inveja em um bebê” que para ele só pode ocorrer em um “estado de coisas muito complexo” (p.340). A discordância em relação a estes períodos em que ainda não há uma pessoa não se limitou à teoria de Freud e Klein. Este mesmo tipo de crítica foi feito em relação a Ronald Fairbairn, que tinha uma proposta audaciosa (Winnicott, 1953j; Greenberg & Mitchell, 1994): rever a teoria freudiana e, de forma indireta, modificar a teoria kleiniana, colocando a qualidade do objeto como a característica principal da “energia libidinal”, considerando assim, como fundamental, a relação do indivíduo com um outro real e disponível. A crítica de Winnicott (1953i) está na

³ Em uma nota de rodapé Phillips (2006) faz a seguinte afirmação: “Era, claro, a luta do desenvolvimento do indivíduo para atingir relacionamentos entre pessoas inteiras, o que distinguia a contribuição de Winnicott à psicanálise.” (p.64).

maneira pela qual Fairbairn concebe o bebê humano em seu estado inicial, como um indivíduo com capacidades sofisticadas: “Fairbairn começa por um bebê que é um ser humano total, um ser que experiencia a relação com o seio como um objeto separado, um objeto que experienciou e a respeito do qual tem idéias (*sic*) complicadas.” (p.318).

Para Winnicott (1988), chegar a um estado de desenvolvimento em que se possa dizer que há uma pessoa inteira se relacionando com pessoas inteiras é decorrente de uma série de processos integrativos:

[...] a partir de uma interação primária do indivíduo com o ambiente, surge um emergente, o indivíduo que procura fazer valer seus direitos, tornando-se capaz de existir num mundo não-desejado; ocorre então o fortalecimento do self como uma entidade, uma continuidade do ser onde, e de onde, o self pode (emergir) como uma unidade, como algo ligado ao corpo e dependente de cuidados físicos; e então advém a consciência (*awareness*) (e a consciência implica na existência de uma mente) da dependência, e a consciência quanto a confiabilidade da mãe e de seu amor, que chega à criança sob a forma de cuidados físicos e adaptados à necessidade; ocorre então a aceitação pessoal das funções e dos instintos e seus clímaxes, o gradual reconhecimento da mãe como outro ser humano, e junto a isto a mudança da *ruthlessness* em direção ao *concern*; e então há o reconhecimento do terceiro, e do amor complicado pelo ódio, e do conflito emocional [...]. (Winnicott, 1988, p.26).

Winnicott trata dos períodos do acontecer humano desde os estágios mais primitivos até os mais maduros, sendo esta continuidade caracterizada por uma série de processos integrativos. Todavia, apesar da centralidade da questão na obra do autor, a definição e a caracterização de cada um destes processos não está clara ao longo de seus escritos, como por exemplo, a questão da gênese e desenvolvimento do ego do bebê. Existem textos em que ele trata diretamente da questão (Winnicott, 1965n), fazendo certos desenvolvimentos e caracterizações, que não estão presentes em outros momentos da sua obra. O mesmo ocorre com precisão terminológica⁴, utilizando a palavra ego e self aparentemente como se fossem sinônimas, fato apontado por comentadores de sua obra, como Adam Philips (2006), e também por ele próprio em uma resposta a Fordham (Winnicott, 1964h) em que admite o uso indiscriminado das duas palavras.

⁴ Nas obras em português também encontramos problemas na tradução, como no texto “Desenvolvimento Emocional Primitivo” do livro “Da Pediatria à Psicanálise” em que para a tradução da palavra “Self” (do original) o tradutor utiliza o vocábulo “eu”, termos que não possuem o mesmo significado dentro da obra de Winnicott. Desta forma, visando uma maior precisão daquilo que é escrito por Winnicott, neste trabalho será tomado o cuidado de sempre se buscar nos textos originais em inglês os termos específicos.

Como visto, os aspectos que formam este processo nem sempre estão bem esclarecidos e, desta forma, este trabalho tem como objetivo identificar e descrever a dinâmica do amadurecimento emocional na direção de uma das funções integrativas: a gênese e desenvolvimento do ego, dentro da obra de Winnicott. Para isso serão retomados, ainda que de maneira geral, a noção de ego estabelecida por Freud, Klein e Fairbairn, não como critério de comparação, mas para compor o cenário em que Winnicott iniciou o desenvolvimento de suas formulações sobre o tema. Uma vez dado o contexto, aborda-se propriamente a noção de ego apresentada na obra de Winnicott, fazendo as devidas distinções, quando necessárias, das noções de *Self*, *eu e não-eu*, *EU SOU* e *Narcisismos primário*.

Um trabalho que tem como objetivo clarificar e sistematiza a noção de ego pra Winnicott, possibilita o emprego mais preciso do termo, evitando-se assim utilizações dúbias em relação a outros processos integrativos que ocorrem ao longo do desenvolvimento psico-afetivo do ser humano. Apesar de estes termos representarem formulações estritamente teóricas, a delimitação de cada um deles traz consequências clínicas, por justamente refinarem o instrumento que auxilia na execução da prática, seja na compreensão de um quadro clínico, seja no tipo de manejo oferecido pelo terapeuta a cada paciente.

2 Justificativa

Laplanche e Pontalis (2004) apontam que a noção de ego levantou o interesse de muitos autores da psicanálise, ampliando e diversificando o termo ao longo de sua história. A compreensão do surgimento do ego e/ou do seu funcionamento nas fases mais primitivas do desenvolvimento é uma questão fundamental, tanto para a prática clínica (em especial com pacientes que têm dificuldades na constituição do seu ego) quanto para a teoria psicanalítica do desenvolvimento afetivo. Para Miller (2002) muitos psicanalistas supõem que o ego seja o “ponto de Arquimedes” da psicanálise, o ponto a partir do qual todo e qualquer trabalho e estudo pode ser desenvolvido.

Na Teoria do Amadurecimento de Winnicott a constituição do ego é um dos aspectos determinantes para a saúde da vida psíquica nas fases mais primitivas do desenvolvimento emocional. Winnicott (1965n) chama a atenção para o que ocorre com os bebês que não recebem cuidados suficientemente bons e acabam, com isso, não recebendo o apoio egoico de que necessitam para que possam se desenvolver:

Aqui é preciso interromper a seqüência (*sic*) de idéias (*sic*) para examinar o destino do bebê que não tem cuidados suficientemente bons no estágio precoce antes de ter distinguido o 'eu' do 'não-eu'. Este é um tema complexo por causa dos graus e variantes que pode apresentar a ineficiência materna [...]. (Winnicott, 1965n, p.57).

Fica claro como Winnicott associa a falha no cuidado materno com a fragilidade egóica do bebê e conseqüentemente o aparecimento de diversos tipos de psicopatologias, dentre elas a esquizofrenia infantil ou autismo, esquizofrenia latente, defesa do falso *self* e características esquizoides.

Com os aspectos desenvolvidos acima é possível concluir que o estudo da origem e desenvolvimento do ego traz conseqüências e contribuições não só para a teoria e desenvolvimento da psicanálise, mas também para o manejo e prática clínica no que se refere, principalmente, às psicoses e aos indivíduos com a constituição do ego fragilizado.

Alguns autores da psicanálise contemporânea têm apontado para a importância, originalidade e criatividade da obra de Winnicott. Uma tradutora de Winnicott para a língua francesa, Jeannine Kalmanovitch, juntamente com Anne Clancier, referem-se a ele como “psicanalista criativo” com “noções extremamente originais.” (Kalmanovitch, 1984, p.13).

Adam Phillips (1988) também destaca a originalidade da obra de Winnicott e as mudanças feitas por ele na teoria psicanalítica, Elsa Oliveira Dias (2003) aponta algumas das mudanças citadas por Phillips:

Enfatizando a originalidade da teoria winnicottiana do processo de amadurecimento e a diferença que a separa tanto da teoria freudiana do desenvolvimento das funções sexuais quanto das ‘posições’ kleinianas, ele afirma que Winnicott não apenas introduziu importantes inovações na teoria e na prática psicanalíticas, como a sua teoria leva a ‘rupturas em relação a Freud’. (Dias, 2003, p.22).

Greenberg & Mitchell (1994) classificam Winnicott como “extremamente inovador” e “influyente” para a psicanálise. Thomas Ogden (2002) considera que a psicanálise teve vários pensadores, no entanto, “[...] apenas um grande autor de língua inglesa: Donald Winnicott.” (p.737). Bleichmar & Bleichmar (1992), ao se referirem ao grupo britânico, destacam que Winnicott figura em um capítulo separado, em função da grande difusão que sua obra alcançou.⁵

No Brasil, José Outeiral (2002) destaca o interesse que a teoria winnicottiana tem promovido, “[...] vivemos hoje uma espécie de boom de interesse no pensamento de Winnicott.” (p.757). Neste mesmo artigo, Outeiral apresenta dados de uma pesquisa realizada e apresentada em 1995 no “Congresso Internacional de Psicanálise da Associação Psicanalítica Internacional”, em que Winnicott aparece como o autor mais citado⁶ nos trabalhos publicados.

Zeljko Loparic (1997) não só destaca a originalidade da teoria de Winnicott como reivindica a edificação de um novo paradigma⁷ dentro da psicanálise. Com isso, de acordo com Dias (2003), Loparic confere uma originalidade mais “radical” (p.32) que aquela apresentada por Phillips.

Um estudo envolvendo os processos integrativos na obra de Winnicott foi realizado por Toledo (2008), em que a autora buscou retomar as três tarefas básicas no processo de amadurecimento emocional: a integração, a personalização e a realização. O trabalho não tem como objetivo apresentar grandes desenvolvimentos para além daquilo que Winnicott já havia escrito, no entanto, apresenta as ideias envolvidas nestes processos de maneira linear, a fim de esclarecer cada uma delas. O presente trabalho, contudo, busca retomar estes processos, mas tem como objetivo focalizar na primeira das tarefas, a integração do ego, assim como as dificuldades na precisão dos termos utilizados neste início primitivo do ser humano.

A questão da precisão dos termos, principalmente do ego e *self*, já foi questionada por autores importantes, mas ainda assim, em trabalhos atuais é possível verificar a utilização ainda confusa, como no intitulado: “A constituição do

⁵ cf. Bleichmar & Bleichmar, 1992, p. 210.

⁶ Estudo feito comparando a influência na América Latina de três analistas da Sociedade Britânica: Winnicott, Klein e Anna Freud.

⁷ De acordo com a noção de paradigma apresentada por Thomas Kuhn (1970) em seu livro “A estrutura das revoluções científicas.”

eu de crianças cegas congênitas” (Amiralian, 2007), que apresenta o seguinte título em inglês “*The ego development of children with congenital blindness*”, tomando a palavra “eu” por “ego”, termos que assumem significados diferentes na obra de Winnicott. A autora reconhece a problemática envolvendo os termos, mas não apresenta qualquer solução para isso, preferindo manter o uso indiscriminado, como é possível concluir na passagem abaixo:

Em outras partes de sua obra, como assinalado por Dias (2003) antes de 1962, utilizou os termos ‘self’ ou ego sem fazer uma distinção clara entre eles. Assim, ao falarmos sobre a construção do eu das crianças cegas desde o nascimento, poderemos algumas vezes estar nos referindo ao self ou ao ego, embora posteriormente Winnicott tenha feito diferenciações entre eles. (Amiralian, 2007, p.137)

A autora mantém em aberto a questão considerando que ao tratar da questão do estabelecimento do eu poderá estar se referindo tanto a ego quanto à *self*. De alguma forma isso acaba por perpetuar uma confusão já apontada anos atrás pelo próprio Winnicott. O trabalho desenvolvido nesta dissertação tomará o cuidado de fazer as devidas diferenciações, mesmo nos períodos anteriores a 1962, ano em que Dias (2003) considera o marco da utilização mais precisa da palavra ego. Um trabalho de diferenciação precisa das palavras ego e *self* na obra Winnicott, foi realizado por Lins (2002), em que a autora faz uma análise precisa da utilização dos termos em períodos distintos da obra do autor e então, ao fim, apresenta a delimitação mais segura. Diferentemente do que foi feito por Lins, o presente trabalho não tem como objetivo as diferenciações entre os dois termos, mas sim focalizar na noção de ego para Winnicott e, quando necessário, distinguir de outros aspectos do processo integrativo.

3 Método

Este é um trabalho que visa fazer uma análise crítica sobre a noção de ego para Winnicott, um trabalho de história do desenvolvimento das ideias. Tratando-se de uma pesquisa teórica, o objeto de estudo corresponde à obra winnicottiana, focada num determinado tema, o que implica em dizer que é feita uma análise conceitual, estrutural e sistemática desta totalidade. Podemos reconhecer no método⁸ hermenêutico de interpretação e leitura uma indicação da metodologia utilizada, pois este preconiza que as partes de uma obra sejam entendidas dentro de seu contexto total, e que o todo da obra deve ser iluminado por cada uma de suas partes. Este movimento Schleiermacher (apud Lawn, 2007) denomina de “círculo hermenêutico”:

Existe uma oposição entre a unidade do todo e as partes individuais do trabalho, de forma tal que a tarefa seja organizada em duas partes, por exemplo: entender a unidade do todo através das partes individuais e o valor das partes individuais através da unidade do todo. (p.68)

Para a compreensão da totalidade de um trabalho é necessário, de acordo com Gadamer (2008), um movimento de se “projetar” a cada sentido que aparece no texto, projetar-se visualizando o sentido geral da obra, pois quem lê, já parte com certas expectativas baseadas em um projeto precedente. Estas expectativas, ao mesmo tempo em que determinam a busca, também são modificadas ou enriquecidas pelo encontro com o conteúdo, refinando cada vez mais a qualidade da busca. A compreensão, desta forma, tem como uma de suas características a movimentação pelo texto:

Quem quiser compreender um texto, realiza sempre um projetar. Tão logo apareça um primeiro sentido do todo. Naturalmente que o sentido somente se manifesta porque quem lê o texto lê a partir de determinadas perspectivas e na perspectiva de um sentido determinado. A compreensão do que está posto no texto consiste precisamente na elaboração desse projeto prévio, que, obviamente, tem que ir sendo constantemente revisado com base no que se dá conforme se avança na penetração do sentido. (Gadamer, 2008, p.356)

⁸ Este método de pesquisa é utilizado pelo Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio em seu grupo pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Esse método, que se aplica adequadamente aos trabalhos de cunho filosófico, não corresponde, entretanto, ao que está sendo aqui realizado, dado que foi tomada como referência de apoio uma determinada compreensão do todo (respaldada na interpretação da obra de Winnicott feita por alguns de seus comentadores). Essa compreensão do todo serve como uma perspectiva de interpretação das partes em que Winnicott se refere à noção de ego. Esse tipo de concepção metodológica toma, pois, o método hermenêutico de interpretação e leitura da obra de um autor ou de um campo específico de teoria científica, como um indicador do estudo teórico a ser feito. Em seguida, delimita esse tipo de estudo (delimita o método) para fazer uma interpretação da obra desse autor (ou campo) a partir de uma determinada perspectiva teórica geral (uma determinada concepção do todo, já construída em função da consideração da história do autor, do horizonte de sua época, das discussões epistemológicas e conceituais que foram dedicadas a sua obra). Desse "todo", assim concebido, tem-se uma perspectiva de interpretação, pesquisa, leitura e compreensão de um tema específico na obra de um autor ou em um determinado campo da ciência. Além disso, a teoria (o todo, aqui) é utilizada como um instrumento que auxilia na compreensão dos problemas e/ou fenômenos a serem tratados. Deste modo, a teoria corresponde ao instrumento que torna possível formular e resolver problemas de um determinado campo científico.

Para tal feito foi realizada uma busca nas obras de Winnicott, para determinar os textos em que a noção do ego foi abordada. A análise começa com um trabalho de 1934 "Urticária papular e dinâmica da sensação cutânea" (1934c) até os trabalhos feitos na década de 1970, com o objetivo de compreender os sentidos dados pelo autor à noção de ego ao longo dos anos. Em seguida, foi feita uma seleção dos textos que mais poderiam contribuir com a tarefa, no sentido de abordarem a questão do ego de maneira mais profunda e precisa, tais trabalhos são: "Desenvolvimento emocional primitivo" (1945); "A Agressividade em relação ao desenvolvimento emocional" (1950); "Psicose e cuidados maternos" (1952); "W. R. D. Fairbairn" (1953); "Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico" (1954); "Formas clínicas da transferência" (1955-56); "A preocupação materna primária" (1956); "A tendência antissocial" (1956); "Distorções do ego em termos de falso e verdadeiro 'self'" (1960); "A capacidade de estar só" (1958); "Teoria do relacionamento paterno infantil" (1960); "A integração do ego no

desenvolvimento da criança” (1962); “O medo do colapso” (1963); “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo” (1963); “O valor da depressão” (1963); “O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê” (1964); “O recém-nascido e sua mãe” (1964); “C. G. Jung” (1964); “A psicologia da loucura” (1965); “Uma nova luz sobre o pensar infantil” (1965); “Localização da experiência cultural” (1967); “Natureza Humana” (1954-67); “Sum: eu sou” (1968) e “Sobre as bases para o self no corpo” (1970).

Além dos textos acima destacados de Winnicott, são utilizados trabalhos de alguns comentadores desse autor, de âmbito nacional e internacional, com o objetivo de clarificar as discussões apresentadas. Os comentadores internacionais utilizados são os que fazem discussões profundas sobre os seguintes autores: Adam Philips, Bleichmar & Bleichmar, Jan Abram, Guntrip, Masud Khan e Greenberg & Mitchell. No âmbito nacional são utilizados comentadores que se preocupam em localizar e compreender o trabalho dos autores dentro do contexto da história da psicanálise, tal como faz Dias, Loparic e Fulgencio.

4 Desenvolvimento

Para estabelecer considerações sobre a noção de ego em Winnicott, o seguinte percurso é proposto:

No capítulo 1 é feita uma breve discussão sobre a questão da melhor tradução do termo alemão “*Ich*”: a escolha feita por Strachey em traduzir o termo por “ego”, e as edições brasileiras atuais que, nas traduções dos textos freudianos, têm preferido a utilização da palavra “Eu”. Verifica-se se esta escolha feita para a obra de Freud pode ser aplicada aos escritos winnicottianos, visto que o Eu em Winnicott é uma conquista dentro do processo de desenvolvimento. Em seguida apresenta-se em linhas gerais a noção de ego desenvolvida por Freud, com as formulações iniciais da histeria dentro de um conjunto que possa se chamar de ego no sentido do indivíduo na sua totalidade. São retomados textos em que aparecem modificações expressivas da noção de ego e, finalmente, a exposição das formulações que Freud fez a partir de 1923, quando ofereceu um modelo tripartido do psiquismo. Tanto a

formulação inicial quanto a modificação de 1923 será a base do pensamento que influenciará Winnicott.

Na sequência são expostas algumas considerações feitas por Klein sobre a noção de ego, ainda que comentadores de sua obra reconheçam que em Klein o termo não é utilizado de maneira tão precisa quanto Freud o fez. O objetivo é mostrar que Klein concebe um ego primordial com capacidades sofisticadas. Ainda dentro desta linha, traz-se as propostas feitas por Fairbairn em relação à noção de ego, pois ele, de maneira mais direta que Winnicott, procura modificar conceitos clássicos da psicanálise, mas ainda assim concebe o bebê humano como uma pessoa total desde seu nascimento, dotado de um ego muito maduro para um recém-nascido.⁹

O capítulo 2 traz a compreensão geral da teoria winnicottiana, tratando, inicialmente, da localização histórica e cultural do autor, assim como de seu estilo de trabalho. Na sequência é dado o panorama do processo de amadurecimento emocional proposto por ele, com destaque para os períodos mais primitivos do processo de amadurecimento emocional, o papel do ambiente no desenvolvimento saudável, assim como as psicopatologias decorrentes de uma possível falha ambiental, e a conquista da existência sentida como real. Em seguida, há uma exposição cronológica dos trabalhos em que a questão do ego é abordada, procurando apresentar o sentido dado pelo autor em cada uma delas, a fim de compreender o sentido da noção de ego predominante na totalidade de sua obra.

Por fim, o capítulo 3 apresenta como se dá a constituição do ego para Winnicott, sua gênese, desenvolvimento, assim como sua importância dentro do processo de amadurecimento pessoal. Este capítulo também tem como objetivo delimitar a questão egóica, diferenciando de outros aspectos integrativos do desenvolvimento emocional primitivo: narcisismo primário, eu e não-eu, Eu Sou e *Self*.

⁹ Haveria um trabalho a ser feito pesquisando os diversos estudos feitos por psicanalistas e por todos aqueles que se dedicaram a explicitar a maneira como nasce o ego. Contudo, não é esta a pretensão deste trabalho, e sim mostrar como Winnicott o fez, e explicitar isso na sua obra, uma vez que não é muito claro ao longo de seu trabalho. De todo modo isso contribui para esta questão da gênese das psicoses e das condições para que a neurose exista.

CAPÍTULO 1

1 BREVES EXPOSIÇÕES DA NOÇÃO DE EGO PARA FREUD, KLEIN E FAIRBAIRN

1.1 Esclarecimento sobre a tradução do termo ego

A obra de Freud, originalmente escrita em alemão, foi traduzida para uma série de idiomas, tendo como a principal versão a inglesa, escrita por James Strachey. A importância da edição inglesa é tamanha que passou a ser considerada “paradigmática”, e esta edição:

Também incorporou nela certos textos ausentes da edição original. Isso contribui para fazer da *Standard* a mais influente edição das obras de Freud, mais utilizada, no mundo inteiro, que a mencionada coleção alemã (as *Gesammelte Werke* [Obras completas] em dezoito volumes). Seria preciso remontar à Vulgata de São Jerônimo – num paralelo exagerado, e certamente sacrilégio – para imaginar um conjunto de livros que tivesse uma tão vasta influência na cultura ocidental. (Souza, 2010, p.84).

Contudo, alguns termos traduzidos por Strachey acabaram perdendo seu sentido original, que foi o caso das instâncias psíquicas: “*Ich*” e “*Es*”, que receberam o nome de “ego” e “id” e que teriam como melhor escolha a tradução para: “*I*” e “*it*” (Souza, 2010). Sendo assim, a edição brasileira tomando como base a edição inglesa, manteve “ego” e “id”, ainda que, no Vocabulário de Psicanálise (Laplanche & Pontalis, 2004) apareça como opção de tradução o vocábulo “eu” baseado no original francês “*moi*”. Nos últimos anos, no entanto, o Brasil adotou uma tradução vinda diretamente do original em alemão e desta forma, semelhante à tradução francesa: “*Ich*” passou a ser traduzido com a palavra “Eu” em letra maiúscula.

Aqui se encontra uma questão importante a se destacar, em Winnicott não é possível considerar o “*Ich*” como “*I*”, ou seja, tomar “ego” como sendo “Eu”, pois para o autor trata-se de palavras que denominam estágios e funções diferentes dentro do processo integrativo humano. A exemplo disso está uma passagem em que

Winnicott (1958g) procura descrever o estágio do “eu estou só” e que, segundo o autor, inicialmente deve-se considerar a palavra “eu” (“I”) que já indica “muito crescimento emocional. O indivíduo se estabeleceu como unidade. A integração é um fato” (Winnicott, 1958g, p.34). Existe ainda outra questão a ser considerada que é a tradução das obras de Winnicott para o Português, que por vezes toma a palavra *self* por “eu” (Winnicott, 1945d), o que não é. O objetivo aqui não é fazer um trabalho de filologia, mas é fundamental destacar que Winnicott usa cada um destes termos (*ego; I; me; self*) de maneira específica e isso deve ser preservado a fim de que sua obra seja compreendida em sua totalidade. Desta forma, para manter este trabalho com coerência na precisão de seus termos será mantida a tradução de Strachey de “*Ich*” para “ego”, ao ser tratada esta noção para Freud, Klein e Fairbairn.

1.2 A noção de ego para Freud

A presença da noção de ego dentro da história da psicanálise é longa, estando presente desde os escritos iniciais de Freud até seus últimos trabalhos. Contudo houve um processo de desenvolvimento desta noção, a princípio sendo utilizada como sinônimo da personalidade como um todo e que, ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, foi sofrendo modificações e acréscimos no que se refere a sua concepção, gênese, desenvolvimento e função. Não caberia apresentar todo este processo de desenvolvimento da noção de ego dentro da teoria freudiana, visto que este não é o objetivo deste trabalho. No entanto, localizar alguns momentos em que ela aparece em sua obra mostra-se de grande valia, por Freud ser, ao lado de Melanie Klein, a maior influência, pelo menos naquilo que se refere à psicanálise, de Winnicott (Phillips, 1988).

Apesar dos diferentes usos do termo ego, pode-se considerar que Freud utilizou o termo em basicamente dois sentidos: o de pessoa e o de instância psíquica. Esta ideia é reforçada em um comentário editorial da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*:

Parece possível detectar dois empregos principais: um em que o termo distingue o ego (Self) de uma pessoa como um todo (incluindo, talvez, o seu

corpo) das outras pessoas, e outro em que denota uma parte específica da psique, caracterizada por atributos e funções especiais. (Freud, 2007, p.17).

Considerar o sentido de pessoa e de instância psíquica está, de acordo com Laplanche & Pontalis (2004), no centro da problemática do ego. No entanto, esta ambiguidade não significa um erro de Freud, mas algo proposital a ser respeitado e compreendido. A seguir será apresentado um breve percurso indicando os sentidos tomados pela noção de ego ao longo da obra freudiana.

Os primeiros escritos de Freud datam do final do século XIX como, por exemplo, o intitulado: “Estudos Sobre a Histeria” (1895d), período em que Foucault (2008) localiza o início da psiquiatria moderna. As psicopatologias eram contextualizadas dentro das alterações e das afecções da personalidade, considerando-a como uma unidade permanente. O caso da histeria, por exemplo, era compreendida por Janet (Foucault, 2008), decorrente de uma personalidade que não dava conta em perceber todos os fenômenos deixando de lado eventos que se desenvolveriam sozinhos, e desta forma a doença seria um desdobramento da personalidade em uma parte comum e uma anormal. Freud, contudo, modifica esta ideia, interpretando como uma solução neurótica para um conflito psíquico. Para ele não se tratava de uma incapacidade da personalidade em contemplar todos os eventos, mas sim uma forma de defesa da personalidade contra representações inconciliáveis com o ego. Em suas palavras: “O ego do paciente teria sido abordado por uma representação que se mostrara incompatível, o que provocara, por parte do ego, uma força de repulsão cuja finalidade seria defender-se da representação incompatível.” (Freud, 1895d, p.276).

Em um trabalho posterior Freud tece novas considerações e trata mais diretamente a questão do ego, atribuindo a ele agora uma estrutura semelhante a de uma rede de neurônios catexizados, e que como condição de sua existência deveria inibir as demandas inconscientes, ou como ele mesmo nomeia, os processos psíquicos primários (Freud, 1895/1995c). Esta função inibidora irá possibilitar ao indivíduo discernir os processos internos da realidade, assim como o critério de diferenciação entre a percepção e a lembrança. Agora o ego vai deixando, cada vez mais, de possuir o sentido de conjunto do indivíduo, ou conjunto do aparelho psíquico, e passa a ser, apenas uma das partes do conjunto. Além disso, o caráter

exclusivamente consciente do ego é modificado, por haver nele características inconscientes, Freud afirma que efeitos que normalmente só se encontram nos processos primários acompanham um processo do ego (Freud, 1895/1995c). Contudo, Greenberg & Mitchell (1994) afirmam que desde o início Freud atribuía ao mecanismo de repressão uma exclusão intencional por parte do ego, mas que nem por isso tratava-se de um ato consciente.

Laplanche & Pontalis (2004) definem os anos de 1900 até 1915 como um período de hesitações naquilo que se refere à noção de ego, no entanto, Freud (1914c) publica o trabalho “Introdução ao narcisismo” que traz contribuições importantes para o desenvolvimento das ideias que envolvem a questão egóica. Neste texto aponta que algo lhe chamou a atenção: o fato de que características de “condutas narcísicas” eram encontradas em pessoas com outros tipos de distúrbios, e, indo mais além, Freud passa a “reivindicar” um lugar ao narcisismo no desenvolvimento “regular do ser humano”, um lugar entre o autoerotismo e o amor objetal (Freud, 1914c, p.14).

Nesta nova formulação o autor faz a seguinte consideração:

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao ego não existe desde o começo do indivíduo; o ego tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (Freud, 1914c, p.19).

De acordo com Greenberg & Mitchell (1994), ao ter concebido o narcisismo como uma “catexia libidinal do ego”, Freud colocou o ego no papel de objeto, pois o objeto de amor passa a ser definido pela semelhança com o próprio ego do indivíduo, ideia que pode ser vista na seguinte afirmação: “Claramente buscam a si mesmas como objeto amoroso, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamaremos de *narcísico*.” (Freud, 1944c, p.32). (grifo do autor)

Em 1923, Freud volta a abordar o assunto de maneira profunda e direta partindo da noção de ego no sentido original de 1895. Neste trabalho, Freud (1923b) apresenta um modelo tripartido do psiquismo, composto por id, ego e superego, descrevendo cada uma destas instâncias, assim como seu surgimento e funcionamento, além de sua localização e porções conscientes e inconscientes. O ego, de acordo com Freud (1923b): “[...] resultou do processo de diferenciação que

se deu na superfície do Id” (p.38), tornando-se assim uma parte do id que foi modificada.

Laplanche & Pontalis (2004) escrevem que a partir de então ocorre uma ampliação das funções do ego, tais como: o controle da motilidade e percepção, a prova da realidade, ordenação temporal dos processos mentais, entre outras. Um exemplo disso é a passagem em que Freud (1923b) chama a atenção para outro aspecto fundamental na compreensão da origem do ego e de sua diferenciação com o id, onde considera que “[...] o ego é sobretudo um ego corporal [...]” (p.38), exercendo o tato e a dor um papel importante em sua constituição.

Mas talvez a principal função do ego seja seu papel de mediador das exigências instintuais do id com a realidade externa (representada psiquicamente pelo superego), mantendo assim a autopreservação: “Assim, o ego combate em duas frentes: tem de defender sua existência contra um mundo externo que o ameaça com a aniquilação, assim como contra um mundo interno que lhe faz exigências excessivas.” (Freud, 1940a, p.81).

Em outro momento deste mesmo trabalho, ele caracteriza os dois pólos distintos que o ego tem de lidar, em relação ao mundo externo:

[...] desempenha esta missão dando-se conta dos estímulos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente intensos (mediante a fuga), lidando com estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). (Freud, 1940a, p.12).

Mais adiante, descreve a relação do ego com o id: “[...] ele desempenha esta missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações.” (Freud, 1940a, p.12).

São estas exigências instintuais, provenientes do id, que são suprimidas pelo ego, seguindo as ordens do superego, dando origem aos recalques. Entretanto, os conteúdos recalcados se apresentam de outra forma para tentar burlar a barreira do recalque, dando origem a um sintoma, que o ego passará a combater, originando

assim a neurose, ou ainda em suas palavras: “Vemos, assim, que o ego, colocando-se a serviço do superego e da realidade, acabou entrando em conflito com o Id. É isso que ocorre em todas as neuroses de transferência.” (Freud, 1923b, p.96).

No caso das psicoses, os impedimentos decorridos da realidade externa são sentidos como insuportáveis e esta passa a ser rejeitada. O ego então recria a realidade externa de acordo com os desejos do Id. No entanto, como postula Freud (1924b) “[...] o mundo interno nada mais é do que uma cópia do mundo externo” (p.96), ele também é recriado pelo ego, ficando as duas realidades externa e interna sob o domínio onipotente do eu.

Poderiam ser feitos maiores desenvolvimentos naquilo que se refere às psicoses em Freud, no entanto, o objetivo aqui não é descrever, ou detalhar as afecções psicológicas, mas sim apenas sinalizar o sentido que a noção de ego tem dentro dos dois grandes grupos, neuroses e psicoses. Desta forma, este trabalho se limitará a apenas fazer as indicações cabendo ao leitor interessado o aprofundamento em cada uma destas difíceis questões.

1.3 A noção de ego em Klein

Greenberg & Mitchell (1994) consideram que havia uma lacuna até por volta da década de 1920 na conceptualização das neuroses nas crianças, visto que as teorias sobre a infância eram baseadas em relatos de adultos trazendo suas lembranças. Esta lacuna passou a ser preenchida com o trabalho desenvolvido por Melanie Klein, que conheceu a obra de Freud e passou a estudá-la e, encorajada por seu analista Sandor Ferenczi, passou a aplicar os conhecimentos adquiridos no atendimento de crianças.

A princípio, Klein procurou aplicar o mesmo método utilizado nos adultos, acessando os conteúdos inconscientes através da fala usando a livre associação de ideias. Contudo, este método se mostrou ineficaz e então, ela passou a usar a

brincadeira para acessar conflitos infantis: “[...] para Klein, brincar serve a uma função central na economia psíquica da criança, significando uma representação dos seus mais profundos desejos e medos inconscientes.” (Greenberg & Mitchell, 1994, p.9).

Klein estava interessada nas psicopatologias infantis e, desta forma, passou a buscar a compreensão da origem destas afecções nos períodos mais precoces do desenvolvimento humano. Com isso desenvolveu uma teoria que contemplasse todos os processos envolvidos no desenvolvimento psicológico desde o início da vida, e assim abordou questões fundamentais da psicanálise como, por exemplo, a noção de ego, a natureza das pulsões, o superego, entre outras.

Diferentemente de Freud em que a noção de ego pode ser vista sob duas perspectivas, como pessoa ou como instância psíquica, em Klein a noção de ego assume basicamente uma posição baseada na segunda tópica freudiana da tripartição do aparelho psíquico em id, ego e superego (Klein, 1991a). Ainda que partindo da segunda tópica, as formulações kleinianas a respeito das três instâncias psíquicas não correspondem exatamente às proposições feitas por Freud, como por exemplo, o superego, que para ele, surge no final do processo de resolução do conflito edípico, sendo “o herdeiro do complexo de Édipo” (Freud, 1923), quando para Klein (1991b) o superego está presente em um período anterior:

Enquanto Freud via o superego como advindo da resolução da fase edípica no fim da era infantil, as investigações de Klein revelaram figuras de superego anteriores, na forma de severas críticas e auto-acusações (*sic*) acompanhando as primeiras fantasias edípicas. (Greenberg & Mitchell, 1994, p.90).

Assim como o superego, que não detém o mesmo sentido dado por Freud, o ego concebido por Klein também é diferente, desde sua origem até sua função. Se para Freud seria o fim de um processo de diferenciação de uma parte cindida do id, ou seja, inicialmente haveria o id e só secundariamente apareceria o ego, para Klein não é possível esta mesma conclusão. Afinal, para ela, o ego estaria presente desde o nascimento, com delimitação e com a capacidade de se identificar com objetos (Hinshelwood, 1992). Assim, buscar qual a gênese do ego para Klein seria desnecessário, tendo em vista que ele já está presente desde o início da vida

humana. Todavia vale responder à pergunta sobre qual seria o papel inicial, ou ainda como chamou Hinshelwood, o “primeiro ato” do ego.

Nos primeiros escritos de Klein a primeira função exercida pelo ego era a de desviar a pulsão de morte para fora do indivíduo: “Esta medida aparentemente muito arcaica de defesa por parte do ego, cuja violência excessiva neste estágio inicial seria assim explicada pelo fato de tratar-se de uma ramificação de pulsões destrutivas muito intensas [...]” (Klein, 1996, p.288).

Será este processo de externalização da pulsão de morte pelo ego que dará origem ao superego:

O ego, apoiado pelo objeto bom internalizado e fortalecido pela identificação com ele, projeta uma parte da pulsão de morte naquela parte de si que foi escindida, uma parte que vem a ficar em oposição com o restante do ego e forma a base do superego. (Klein, 1991b, p.240)

Uma vez que o superego surge a partir do ego eles passam a se relacionar; as forças do ego passam a reagir umas sobre as outras e isso determinará todo o “curso do desenvolvimento do indivíduo.” (Klein, 1997, p.244).

Em outro momento de sua obra, ao conceituar a “posição depressiva” (Baranger, 1981) Klein faz algumas modificações em sua teoria, com a ênfase cada vez maior na fantasia, ampliando assim as noções de mundo externo e interno e os processos de projeção e de introjeção. A posição depressiva figura como um aspecto de maturidade no desenvolvimento, pois envolve se relacionar não mais com um objeto parcial, cindido, e sim com um objeto total, por possuir aspectos bons e maus em si mesmo. O que irá possibilitar a passagem da incorporação parcial para a total será o ego (Klein, 1935).

Nesta breve exposição é possível verificar como Klein utiliza a noção de ego em mais de um sentido ao longo de sua obra, e de uma maneira menos precisa do que aquela formulada por Freud (Hinshelwood, 1992). Greenberg & Mitchell (1994) apontam um ponto de diferenciação fundamental entre os dois autores em relação a esta questão:

No modelo estrutural de Freud, o ego é neutro em relação às pulsões. Sua tarefa é a de negociar um equilíbrio entre o id, o superego e o mundo externo. Embora Klein retenha a linguagem estrutural de Freud, o ego, na

sua abordagem, é um protagonista principal dentro das lutas dinâmicas internas, intimamente identificado com o amor e o instinto de vida. (p.104).

Mesmo com todas as diferentes concepções é possível notar que o ego para Klein possui funções e características sofisticadas desde o seu surgimento, com o nascimento do bebê, sendo este justamente um dos pontos em que Winnicott criticará o trabalho de Klein. A função desta breve exposição do que Freud e Klein concebem por ego serve tão somente para contextualizar o clima teórico em Winnicott desenvolveu suas ideias.

1.4 A noção de ego em Fairbairn

Ronald Fairbairn teve um papel de extrema importância no desenvolvimento da teoria psicanalítica, sendo, ao lado de Harry Sullivan, o principal responsável da mudança do modelo “estrutural-pulsional” para o modelo “estrutural-relacional” (Greenberg & Mitchell, 1994, p.111).

Fairbairn¹⁰ concebe uma teoria de relações objetais que tem servido de base para teorias psicanalíticas atuais, propiciando também modificações no manejo clínico para além da interpretação clássica e oferecendo novas compreensões da transferência e contratransferência dentro do *setting* (Pereira, 2002).

A noção de ego está presente em grande parte de sua obra, e sua concepção mostra-se diferente e original em relação a formulações de outros psicanalistas. Ele não parte de um ego que se diferencia do id, como o fez Freud. Para o autor existe um ego unitário com energia libidinal própria, buscando relações com objetos externos reais e, se essas relações forem satisfatórias, ele se mantém

¹⁰ Alguns autores consideram a teoria de Fairbairn intimamente relacionada com a teoria kleiniana como, por exemplo, Otto Kernberg (Person, Cooper, Gabbard, 2007). Winnicott compactua com esta opinião, mas critica a utilização que Fairbairn faz de termos criados por Klein sem fazer as referências devidas a ela. Os termos a que Winnicott se refere são: a “posição depressiva”, “paranoide” e “esquizoide” (Winnicott, 1953). No entanto, esta afirmação de Winnicott não pode ser considerada completamente correta, pois de acordo com Hinshelwood (1992) é Klein que se apropria da noção de “posição esquizoide” de Fairbairn, para conceituar e denominar a chamada “posição esquizoparanoide”. Hinshelwood ainda enumera uma série de aspectos teóricos que diferenciam as proposições feitas pelos dois autores, o que deixa a questão da intimidade teórica entre ambos como discutível e que necessita de um estudo mais aprofundado.

coeso e inteiro, mas caso sejam insatisfatórias, estabelecem-se objetos internos compensatórios. Se houver uma proliferação de objetos internos, o ego se fragmentará, “a cisão do ego é uma consequência (*sic*) desta proliferação de objetos internos, uma vez que porções diferentes do ego permanecem relacionadas a diferentes objetos internos” (Greenberg & Mitchell, 1994, p.120). Esta formulação, no entanto, não se refere apenas a um quadro psicopatológico, pois para o autor, a cisão, em maior ou menor grau, é uma característica universal do indivíduo. (Scharff, 2005).

Para Fairbairn, o aspecto central do desenvolvimento emocional é uma “seqüência (*sic*) natural, maturacional, de relações com outros” (Greenberg & Mitchell, 1994, p.118). O primeiro relacionamento do bebê é com a mãe e se caracteriza por um aspecto gratificante e um não gratificante. Este último aspecto se divide em um sentimento de rejeição e um de esperança. A criança então experimenta a mãe de três formas: como “mãe gratificante, mãe sedutora e mãe privadora. Como o relacionamento original com a mãe externa real torna-se insatisfatório, é internalizado” (Greenberg & Mitchell, 1994, p.121). Esta internalização resulta em três objetos internos, correspondendo aos três aspectos de relacionamento externo com a mãe. Parte do ego integral dirigido para fora é cindido e cada parte se liga a um objeto interno.

Fairbairn denominou como objeto excitante, aquela porção decorrente do aspecto não gratificante e que foi experienciado pelo bebê como um sentimento de esperança; a porção do ego ligada a este objeto recebe o nome de “ego libidinal” (Fairbairn, 1981). O ego antilibidinal (Fairbairn, 1981) fica ligado ao objeto rejeitante, que corresponde à experiência não gratificante com o sentimento de rejeição. E por fim, tem-se o objeto ideal, que contém os aspectos gratificantes da experiência com a mãe e este que ficará ligado ao restante do ego, chamado de central. Este último “é também aquela parte do ego ainda disponível para relações com pessoas reais no mundo externo” (Greenberg & Mitchell, 1994, p.121).

Com isso, é possível chegar a um dos pontos centrais da teoria de Fairbairn: a ideia de que o ego e o objeto são inseparáveis (Fairbairn, 1981). O autor

considera que “um objeto sem qualquer porção correspondente do ego é emocionalmente irrelevante” [e ainda, que o ego] “cresce através de relações com objetos” (apud Greenberg & Mitchell, 1994, p.121).

É esta fragmentação do ego e a ligação das porções aos objetos internos que darão origem às psicopatologias: “Cada tipo de perturbação está relacionado com um manejo especial de objetos bons e maus, através de diferentes modalidades de relação: oral, anal e fálica.” (Bleichmar & Bleichmar, 1992, p.201).

O indivíduo com características obsessivas retém ambos os objetos (bom e mau) como internos e procura dominá-los. O fóbico trata os objetos como externo e procura fugir do objeto mau, se refugiando no objeto bom. O movimento de externalizar o objeto mau, para poder odiá-lo é característico da dinâmica paranoide. Por fim, o indivíduo com característica histérica faz o oposto do paranoide, isto é, externaliza o objeto bom e se liga com toda força a ele, em seu mundo externo, ao mesmo tempo em que internaliza e rechaça seu objeto mau no seu mundo interno (Fairbairn, 1981).

A ideia de que o ego está primeiramente ligado a um objeto externo traz outra mudança de ponto de vista para um termo clássico da psicanálise: o conceito de *narcisismo primário*. Tal conceito não faz sentido nesse contexto, visto que desde o início o bebê está orientado para um objeto externo, “orientada para a realidade, a mãe [e o aparente caos inicial no bebê refletiria apenas] “inexperiência” (Greenberg & Mitchell, 1994, p.115). A escolha de Fairbairn neste ponto do trabalho se dá pelo fato de ele oferecer uma teoria do desenvolvimento, que contempla uma noção de ego bastante rica e complexa, proporcionada talvez por sua empreitada de rever a teoria freudiana. Além disso, a proximidade de suas ideias com as de Winnicott já foi comentada por autores importantes, como Guntrip (2006) e até mesmo Winnicott, que, em certa altura de sua vida, coloca-se em concordância com formulações feitas anteriormente por Fairbairn (Winnicott, 1989f, 1953c, 1955c).

CAPÍTULO 2

2 WINNICOTT E A NOÇÃO DE EGO

2.1 Contexto e estilo

Para compreender a natureza do trabalho de Winnicott é fundamental, dentre outras coisas, observar o clima teórico em que ele estava inserido. Winnicott fazia parte da Sociedade Britânica¹¹, fundada por Ernest Jones e que teve como grande característica a tradução da psicanálise de uma “teoria de desejo sexual” para uma “teoria do cuidado materno” (Phillips, 1988). Entre os anos de 1928 e 1938 teve aquilo que Masud Khan chamou de “período mais vivo e criativo” (Winnicott, 1958a) principalmente pela presença e trabalho de Melanie Klein no atendimento psicanalítico infantil.

Assim como Klein, atendendo crianças, também estava Anna Freud, contudo, o trabalho desta última não recebia o mesmo prestígio dos desenvolvimentos kleinianos, deixando um clima desconfortável dentro da Sociedade e causando a ira do criador da psicanálise: “[...] Freud ficara muito irritado pela recepção positiva dada pela Sociedade Britânica a Melanie Klein e suas idéias (*sic*), enquanto que, ao mesmo tempo, se ofendera com os ataques críticos e pessoais feitos à sua filha.” (Kohon, 1994, p.21).

Não demorou para que o ambiente se tornasse inóspito culminando em uma cisão da Sociedade em dois grupos: de uma lado os seguidores de Klein e do outro os de Anna Freud¹². No entanto, alguns psicanalistas, como por exemplo,

¹¹ Fundada em 1913 com o nome de “Sociedade Psicanalítica de Londres” (Kohon, 1994), mas que logo se dissolveu “porque um dos membros favorecia Jung” (Winnicott, 1958s). Em 1919 ressurgiu finalmente denominada “Sociedade Psicanalítica Britânica”.

¹² Roudinesco (1994), em acordo com uma afirmação de Winnicott, aponta que a “a questão da formação dos analistas passou a ser o centro dos debates”; para os seguidores de Anna Freud a análise deveria ter como objetivo “desfazer o recalque e reduzir os mecanismos de defesa a fim de aumentar o controle do ego sobre o id”; já os kleinianos tinham como base uma (continua...)

Fairbairn, Bowlby, Balint e Guntrip, preferiram não se filiar a nenhum dos dois grupos, caracterizando assim um terceiro grupo denominado “Independente” ou “Grupo do meio” (Kohon, 1994). Winnicott, apesar da influência que receberia do trabalho de Klein, não se filiou ao seu grupo, mantendo-se assim como mais um dos “independentes”.

Antes de iniciar sua carreira como psicanalista Winnicott atuava como pediatra e só então, tempos depois, ao entrar em contato com o trabalho “A interpretação dos sonhos” de Freud (Phillips, 1988), passa a se interessar pela psicanálise. Em 1923 Winnicott, movido por motivos particulares (Kahr, 1997) é aconselhado por Ernest Jones a iniciar uma análise com Strachey¹³, e neste mesmo período se candidata a uma vaga na Sociedade Psicanalítica Britânica (Kohon, 1994). Com sua formação pediátrica somada à experiência psicanalítica, Winnicott se tornou o primeiro psicanalista homem a atender crianças na Inglaterra e assim obtinha uma experiência única (Phillips, 1988).

Estava iniciando como pediatra consultor por essa época, e podem imaginar como era excitante obter inúmeras histórias clínicas e conseguir de pais sem instrução do hospital-escola a confirmação que alguém poderia precisar para as teorias psicanalíticas que começavam a fazer sentido para mim através de minha própria análise. Naquele tempo nenhum outro analista era pediatra ao mesmo tempo, e assim, por outras duas ou três décadas fui um fenômeno isolado. (Winnicott, 1965va, p.157).

Neste período, todas as questões em psicanálise tinham como fundamento o Complexo de Édipo. No entanto, o autor constatava, em sua prática clínica com crianças, dificuldades no processo de amadurecimento emocional anteriores ao Édipo. Ele reconhecia que a origem nas neuroses estaria diretamente relacionada ao complexo, no entanto existiam dificuldades no processo de amadurecimento emocional que começavam antes (Winnicott, 1965va).

Sua opinião em relação aos problemas anteriores ao Complexo de Édipo assim como outras descobertas decorridas de sua prática clínica, foram ao encontro às ideias kleinianas e, percebendo isso, seu analista James Strachey sugeriu que ele procurasse conhecer o trabalho de Klein:

(continuação...) “leitura da segunda tópica inversa”, ou seja, a análise se iniciaria sem se preocupar com o controle do id sobre o ego e sim, tinha como objetivo o “reconhecimento da primazia do vínculo transferencial e analisá-lo de saída.” (Roudinesco, 1994, p.205).

¹³ Kahr (1997) acusa James Strachey de ter cometido uma “vergonhosa violação de ética” (p.53) ao revelar questões íntimas da sexualidade de Winnicott à sua esposa Alix Strachey.

Se está aplicando teoria psicanalítica a crianças, deveria travar conhecimento com Melanie Klein. Ela foi atraída à Inglaterra por Jones para fazer a análise de alguém muito especial para Jones; ela está afirmando algumas coisas que podem ou não ser verdade, e deve descobrir por si mesmo pois não conseguirá o que Melanie Klein ensina em minha análise de você. (Winnicott, 1965va, p.158).

Winnicott segue o conselho dado por Strachey e procura Klein. Ao fazê-lo, chega à conclusão de que passara a ser um estudante que deveria aprender com esta “mestra pioneira”, e a partir de então aprendeu psicanálise com Melanie Klein (Winnicott, 1965va). Esta constatação foi, de acordo com Winnicott, muito difícil.¹⁴

Alguns autores consideram que o trabalho de Winnicott “de fato, não pode ser compreendido sem referências a Klein” (Phillips, 1988, p.31), mas apesar da clara influência kleiniana em seu pensamento, Winnicott deixa claro, anos depois, que de fato não se considera seu seguidor. Ele não só reivindica por um lugar autônomo como critica a situação em que se via, de um lado Anna Freud considerando-o kleiniano e, por outro, sua postura em não concordar com Klein e seus seguidores, sendo obrigado, desta forma, a abandonar sua experiência ao ensino de psicanálise (Winnicott, 1989f, p.439).

Com esta mesma postura se refere à importância das ideias de Freud em seu pensamento, reconhece a influência e vai mais longe ao se considerar freudiano, mas com a ressalva de que não segue fielmente a tudo aquilo que Freud formulou:

O leitor deveria saber que sou um produto da escola freudiana ou psicanalítica. Isto não significa que eu considere automaticamente como sendo verdade tudo o que Freud disse ou escreveu, o que em todo caso seria absurdo já que Freud estava desenvolvendo, ou seja, mudando, seus pontos de vista (de uma maneira ordenada, como qualquer outro cientista) por toda extensão de sua vida até sua morte em 1939. (Winnicott, 1965t, p.29).

Esta postura de Winnicott figura como uma das características de seu estilo de pensar, em que, na maioria das vezes, afirma concordar com ideias clássicas, mas ao utilizá-las em seu próprio trabalho modifica-lhes o sentido originalmente dado, Greenberg & Mitchell (1994), em tom de crítica, consideram que

¹⁴ Phillips (2006) complementa esta citação com a seguinte afirmação: “em qualquer direção à qual ele começasse a se dirigir, ele encontrava Melanie Klein já no caminho de volta” (p. 76).

Winnicott modificava os conceitos clássicos de Freud e Klein de acordo com seu interesse pessoal:

Winnicott conserva a tradição de uma maneira curiosa, em grande parte distorcendo-a. A sua interpretação dos conceitos freudianos e kleinianos é tão idiossincrática e tão pouco representativa da formulação e intenção originais deles a ponto de torná-las às vezes, irreconhecíveis. Ele reconta a história das idéias (*sic*) psicanalíticas não tanto como ela se desenvolveu, mas como ele gostaria que tivesse sido, reescrevendo Freud para torná-lo um predecessor mais claro e mais fácil da própria visão de Winnicott. (Greenberg & Mitchell, 1994, p.139).

Muito de seu estilo é marcado por não se prender aos textos originais. Khan conta em uma passagem a maneira curiosa pela qual Winnicott aborda um trabalho escrito. Se o texto lhe causar aborrecimento cairá no sono, ou, por outro lado, se o livro o interessar começará a reescrevê-lo imediatamente.¹⁵

Winnicott comenta o seu próprio estilo de escrita referindo-se a si mesmo como um “menino de nove anos” que desde esta idade não amadureceu “seja em espírito ou estilo” (apud Khan, 1991, p.44).

O mesmo tipo de característica está presente em seu manejo clínico, descrevendo a psicoterapia como “duas pessoas brincando juntas” (Winnicott, 1968i, p.59)¹⁶. Parece que as coisas para Winnicott deveriam acontecer de uma forma que partissem dele, de seu gesto espontâneo, qualquer tentativa de algo vir de fora ou de outra pessoa, ou fora do tempo adequado cairia em um vazio, em um artigo “radicalmente inovador” (Phillips, 1988). Winnicott faz a seguinte afirmação quanto a seu método de trabalho:

Não pretendo apresentar em primeiro lugar uma resenha histórica, mostrando o desenvolvimento de minhas ideias a partir das teorias de outras pessoas, porque minha mente não funciona desta maneira. O que ocorre é que eu junto isto e aquilo, aqui e ali, volto-me para a experiência clínica, formo minhas próprias teorias e então, em último lugar, passo a ter interesse em descobrir de onde roubei o quê. Talvez este seja um método tão bom quanto qualquer outro. (Winnicott, 1945d, p.218).

¹⁵ Masud Kahn na introdução do livro “Da Pediatria à Psicanálise” (Winnicott, 1958a).

¹⁶ Masud Khan (1991) ao comentar sobre o livro de Winnicott “O brincar e a realidade” faz a seguinte observação “gosto do título que você escolheu, só que não fica claro que se trata do seu brincar D.W.W., com a realidade *deles*. D.W.W. riu.” (p.67).

2.2 A teoria do amadurecimento em linhas gerais

A teoria do amadurecimento de Winnicott busca compreender os estágios do desenvolvimento emocional humano partindo dos estados mais primitivos, um estágio tão imaturo do desenvolvimento que sequer pode ser considerado que ali haja uma unidade humana, até os estágios mais maduros em que há um indivíduo saudável. Assim como a elucidação dos meios sadios deste processo, ele também localiza as vias pelas quais o desenvolvimento é impedido de ocorrer, resultando nos diversos quadros de uma existência adoecida. Esta ideia parte de uma concepção de um ser humano como uma “amostra-no-tempo da natureza humana” (Winnicott, 1988, p.29), a existência humana seria um “recorte” dentro de uma linha do tempo, onde ocorreriam tais processos maturacionais. Desta forma é essencial considerar o que há neste início de recorte temporal, ou ainda, da vida humana: um ser humano dotado de uma tendência inata ao amadurecimento e que dependerá dos cuidados ambientais para que tal tendência possa se concretizar: “o indivíduo herda um processo de amadurecimento, que o faz progredir na medida em que exista um meio ambiente facilitador e somente na medida e que ele exista” (Winnicott, 1974, p.71).

Winnicott concebe um bebê humano prematuro que se não fosse a mãe para juntar-lhe as partes ele não sobreviveria. A dependência em relação à mãe, ou ao cuidado materno, no entanto, não seria uma condição presente apenas nos estágios iniciais, mas também seria um traço característico de todo o processo de amadurecimento. Se para Freud o homem era o animal ambivalente, para Winnicott este seria o animal dependente (Phillips, 1988). Desta forma ele atribui, ao ser humano em desenvolvimento, diferentes estágios de dependência do ambiente. Inicialmente uma dependência do tipo absoluta, passando por estágios de dependência relativa até chegar ao que se poderia chamar de independência (Winnicott, 1965vc).

Em relação ao ambiente, Winnicott também atribui diferentes tipos de cuidados a serem oferecidos. Ainda pensando nos estágios mais primitivos, o que o bebê necessita neste período é ser mantido vivo, ou mais precisamente na

linguagem winnicottiana, ter sua existência assegurada, afinal, inicialmente, o bebê só existe sob os cuidados da mãe. Em uma passagem, Winnicott (1958d) ilustra como se deu conta desta formulação em que a princípio não há um bebê:

[...] me ouvi dizendo aqui, nesta Sociedade (uns dez anos atrás), e dizendo-o de modo enfático e acalorado: '*Isso que chamam de bebê não existe*'. Fiquei alarmado ao me ouvir pronunciar essas palavras, e tentei justificar minha declaração dizendo que se você me mostrarem um bebê, mostrarão também, com certeza, alguém cuidando desse bebê, ao menos um carrinho ao qual estão grudados os olhos e ouvidos de alguém. O que vemos, então, é a dupla amamentante. (Winnicott, 1958d, p.165).

A função materna desempenhada neste período em que há uma dependência absoluta é denominada *holding* (Winnicott, 1960c), literalmente sustentar o bebê na sua continuidade de ser. Winnicott explica que o *holding* inclui “especialmente” (p.48) o cuidado físico e que talvez seja esta a única maneira de a mãe demonstrar o amor ao seu bebê. Esta capacidade extremamente complexa da mãe, em sustentar seu filho de maneira que não haja uma ruptura em sua existência, só é possível devido ao estado emocional em que ela se encontra, estando extremamente identificada¹⁷ com seu bebê, em um estado chamado: “preocupação materna primária”¹⁸ (Winnicott, 1958n), descrito da seguinte maneira:

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram. Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida. (Winnicott, 1958n, p.401).

Não é possível dizer que neste estado das coisas, nesta dependência absoluta, haja algum tipo de relação, visto que “no começo, o bebê é o ambiente e o ambiente é o bebê” (Winnicott, 1964e, p.56), os dois juntos formam uma coisa só, uma unidade que aos olhos de um observador externo trata-se de um “conjunto ambiente-indivíduo” (Winnicott, 1953a, p.308). É fundamental que neste início o bebê possa permanecer em um estado tranquilo, visto que seu ego, ainda como uma tendência inata a se integrar (Winnicott, 1965n), é sustentado pelo ego auxiliar

¹⁷ Winnicott (1958n) deixa claro que existe a identificação da mãe com o bebê, mas que, o contrário não ocorre, pois, pois a identificação “constitui um fenômeno complexo demais para que localizemos nos primeiros estágios da vida do bebê” (p. 400). Este será um dos aspectos da teoria proposta por Fairbairn que Winnicott irá criticar (Winnicott, 1953i).

¹⁸ Winnicott ao tratar atribui este estado necessariamente à mãe biológica pois somente ela poderia atingir esse “estágio especial de preocupação materna primária sem ficar doente”. (Winnicott, p. 404).

da mãe. Demandas externas tomariam proporções de intrusões, a “continuidade de ser” poderia ser interrompida, enfraquecendo o ego do bebê e constituindo um “[...] aniquilamento, e são evidentemente associadas a sofrimentos de qualidade e intensidade psicótica.” (Winnicott, 1960c, p.51).

Juntamente à integração, outro processo acontece neste período anterior ao bebê reconhecer a si mesmo e aos outros como pessoas inteiras. É o desenvolvimento do sentimento de habitar o próprio corpo, chamado de “personalização”, que assim como a integração tem como condição “a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente” (Winnicott, 1945d, p.225). Do contrário, na inexistência de um ambiente que possibilite isso, a consequência é a “despersonalização” (Winnicott, 1945d, p.225). Por fim, um terceiro processo está envolvido neste período, ao qual Winnicott (1945d) denomina “realização” (p.223), o momento em que a mãe passa a apresentar o mundo ao bebê, de maneira que ele tenha condições de conhecer sem que isso ameace sua integração ainda frágil:

É especialmente no início que as mães são vitalmente importantes, e de fato é tarefa da mãe proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer. Somente com base numa fundação desse tipo pode desenvolver-se a percepção objetiva ou a atitude científica. Toda falha relacionada à objetividade, em qualquer época, refere-se à falha nesse estágio do desenvolvimento emocional primitivo. Somente com base na monotonia pode a mãe adicionar riqueza de modo produtivo. (Winnicott, 1945d, p.228).

É importante destacar que Winnicott utiliza a palavra “monotonia” se referindo à necessidade de um ambiente consistente e contínuo, sem variações extremas ou estímulos para além daquilo que o bebê necessita, indo nesta direção ele afirma que um bebê que possui mais de um cuidador, não consegue estabelecer um padrão pessoal de cuidados para que o senso de tempo e espaço possa se desenvolver, e desta forma poder se manter, quando necessário, em um estado não-integrado, ou relaxado:

[...] poderíamos ver que, enquanto certas funções (como o fornecimento de alimento adequado) poderiam ser preenchidas por qualquer pessoa, muita coisa só pode ser feita por alguém que tenha as motivações de uma mãe. Mais ainda: a continuidade não poderá ser proporcionada por uma multiplicidade de interessados. E sempre há a real continuidade dos detalhes conforme observados pelo bebê, começando, talvez, pela imagem em *close* dos bicos dos seios ou pela imagem do rosto, e incluindo o cheiro, os detalhes de textura e assim por diante. E mais: como poderia alguém

que não esteja na posição da mãe, e que não tenha o amor da mãe, conhecer o bebê suficientemente a ponto de proporcionar um enriquecimento gradual na quantidade adequada para estimular a capacidade crescente, mas não em demasia a ponto de causar confusão? (Winnicott, 1948b, p.238)

No entanto, quando tudo vai bem, ou seja, quando o ambiente permite manter o bebê “isolado sem ser perturbado” o bebê não precisa reagir e nem será aniquilado e desta forma “nada sabe” (Winnicott, 1953a, p.310). Winnicott (1960c) deixa claro que os cuidados maternos quando bem executados nesta fase de *holding* possibilita com que o bebê saiba que está sendo bem cuidado e do que está prevenido.

Esta “fusão” inicial com o tempo vai chegando ao fim e então uma mudança decorre. À medida que o bebê consegue perceber a mãe como separada dele, ela muda sua atitude, parecendo se dar conta de que o lactente não precisa mais de cuidados através de uma compreensão quase mágica de sua parte. A mãe, de alguma forma, sabe que seu bebê adquiriu uma nova capacidade, podendo dar indícios que a guiem na satisfação de suas necessidades¹⁹ (Winnicott, 1960c).

Caso o ambiente insista em permanecer completamente adaptado ao bebê estará se antecipando às suas necessidades e assim acabando com sua possibilidade de ação criativa e desta forma:

[...] a mãe, por ser uma aparente boa mãe, faz pior do que castrar o lactente; este último é deixado com duas alternativas: ou ficar em um estado permanente de regressão e ficar fundido com a mãe, ou então representar uma rejeição completa da mãe, mesmo de uma mãe aparentemente boa. (Winnicott, 1960c, p.50).

Por outro lado, neste estágio²⁰ dentro de um desenvolvimento saudável, a dependência absoluta fica para trás e agora o que há é uma dependência relativa. O bebê já pode tolerar pequenas falhas nos cuidados e até mesmo tirar proveito disso. A capacidade temporal já está mais estabelecida e agora ele pode ouvir os barulhos

¹⁹ É digno de nota de Winnicott utiliza a palavra “necessidade” ao invés de “desejo”. Não realizar um desejo implica em uma frustração, já a necessidade, com um sentido mais primitivo, é resolvida ou não acarretando rupturas no sentido da continuidade do ser. (Winnicott, 1958n)

²⁰ Contudo, deve ficar claro que para que isso ocorra os estágios anteriores devem ter tido êxito, de tal maneira que passem a estar integrados ao indivíduo dentro do seu campo de experiência, desta forma, e somente desta forma, os estágios seguintes terão algum sentido. Winnicott (1984h) exemplifica com a matemática, que exige uma continuidade em cada um dos seus estágios de aprendizado e “caso se perca um estágio o resto fica sem sentido” (p. 50).

da mãe na cozinha e então esperar²¹ por ela e assim, aos poucos, passa a ter consciência de sua dependência (Winnicott, 1965r). As falhas moderadas por parte do ambiente darão espaço para que o bebê coloque suas próprias necessidades, um choro, um espernear, tudo isso será colocado sob a forma de um gesto criativo (Winnicott, 1960c), sendo esta a principal base da capacidade de o bebê poder agir a partir de si mesmo e de viver criativamente.

Continuando na linha do tempo do processo de amadurecimento o bebê vai sendo capaz, cada vez mais de “se defrontar com o mundo e todas as suas complexidades” (Winnicott, 1965r, p.87). Os relacionamentos vão se expandindo, relações triangulares se estabelecem, e como um círculo abrindo em espiral o indivíduo passa “a se identificar com a sociedade, porque a sociedade local é um exemplo de seu próprio mundo pessoal, bem como exemplo de fenômenos verdadeiramente externos” (Winnicott, 1965r, p.87). Esta capacidade caracteriza os últimos processos, rumo à independência, e ainda assim o autor afirma que o processo de amadurecer não cessa, pois os adultos “raramente atingem a maturidade completa” (p.87). .

Partir do estado de dependência absoluta e chegar ao estágio de independência é uma longa jornada e apresenta muitas dificuldades pelo caminho. Cada indivíduo humano carregará em si os traços desta caminhada, traços²² de sua história e da história de seus processos integrativos, em alguns será possível observar sua independência emocional, ou então uma dependência relativa, mas também terão aqueles que ainda se encontram fusionado com o ambiente. Esta é uma das maneiras pela qual Winnicott compreende a vida humana, o indivíduo marcado pela história de seu desenvolvimento e que de alguma forma, com as possibilidades que têm busca uma situação de independência:

Vocês já devem ter percebido que, por natureza, treinamento e prática, sou uma pessoa que pensa de modo desenvolvimental. Quando vejo um

²¹ Caso a mãe fique ausente por um tempo maior do que aquele que o bebê consiga “crer em sua sobrevivência” (Winnicott, 1965r) ele será tomado por uma ansiedade que não trará benefícios a sua capacidade criativa.

²² Estes traços podem aparecer em forma de um sintoma e quanto a isso Winnicott (1944a) diz: em “Psiconeuroses oculares na infância”: “é preciso observar o sintoma sem tentar curá-lo, porque todo o sintoma tem o seu valor para o paciente, e muitas vezes é melhor deixar o paciente em paz com o seu sintoma” (p.149).

menina ou uma menina numa carteira escolar, somando ou subtraindo, e lutando com a tabuada de multiplicação, vejo uma pessoa que tem uma longa história em termos de processo desenvolvimental, e sei que pode haver deficiências, distorções no desenvolvimento ou distorções organizadas para lidar com deficiências que têm de ser aceitas, ou que deve haver uma certa precariedade no que tange ao desenvolvimento que parece ter sido conseguido. Vejo o desenvolvimento como indo em direção à independência e a significados sempre novos para o conceito de totalidade, que pode ou não se tornar um fato no futuro daquela criança caso ela esteja viva. (Winnicott, 1984h, p.44).

A saúde do indivíduo estaria na conquista desta situação de independência somada à possibilidade de ter seu próprio jeito de ser, único e pessoal, em que pudesse agir a partir de si mesmo de maneira criativa e espontânea (Phillips, 1988). Apesar de atribuir quadros nosográficos às falhas ambientais em cada um dos estágios de dependência (Winnicott, 1965vc) a doença, para Winnicott, seria a impossibilidade desta ação criativa em relação à própria vida e ao mundo:

Ele veria a doença como uma inibição daquela espontaneidade potencial que para ele caracterizava a própria substância da vida de uma pessoa. E ele chegaria a pensar a psicopatologia como originária das quebras na continuidade, 'distrações' que poderiam ocorrer no desenvolvimento precoce de uma pessoa: lacunas causadas pelas intrusões, privações e catástrofes naturais da infância, a maioria das quais ele via como resultante de falhas na provisão parental. Havia coisas que a criança experienciara, mas não conseguira entender de forma satisfatória, e consequentemente tampouco encontrara um lugar dentro de si mesmo para tal experiência. Para o bebê que espera tempo demais por sua mãe, por exemplo, 'a única coisa real é a lacuna: ou seja, a morte ou a ausência, ou a amnésia'. (Phillips, 1988, p.23).

A conquista da saúde seria, por assim dizer, utilizando o vocabulário de Winnicott (1986e), a conquista de um *self* verdadeiro, que ao fim é uma unidade integrada, possuindo um interno, um externo e um terceiro lugar de experiência em que pode brincar, ser criativo, espontâneo ou simplesmente relaxar. A questão do *self* será abordada no próximo capítulo, visto que um dos objetivos deste trabalho é diferenciar a noção de ego de outras noções, dentre elas a noção de *self*.

2.3 O uso da palavra ego ao longo da obra de Winnicott

A noção de ego possui sentidos diferentes ao longo da obra de Winnicott, e a fim de clarificar a multiplicidade dos usos feitos pelo autor, a seguir são comentados alguns trechos em que aparece o vocábulo assim como os sentidos dados a ele. Foi preferível manter a ordem cronológica a fim de facilitar a contemplação da evolução do termo através dos anos, ao invés de uma divisão em grupos de sentido. É necessário destacar também que, a cronologia esta respeitando o ano em que Winnicott escreveu cada um dos trabalhos e não o ano de sua publicação.

Década de 1930

Um dos primeiros textos em que Winnicott utiliza a palavra ego é no intitulado “Urticária popular e dinâmica da sensibilidade cutânea” (1934c), em que o vocábulo é utilizado entre parênteses após a palavra criança, possibilitando desta forma dois tipos de interpretação: uma primeira seria a de que ele as utiliza como sinônimas, sendo o ego correspondente à criança como pessoa e, em outro sentido, a de que o uso da palavra ego é indissociável da existência da criança, ideia que ele defenderá alguns anos depois. Dois anos depois em “O apetite e os problemas emocionais” (1958a) ao tratar sobre a questão da “voracidade” considera que esta palavra reúne em si os aspectos psicológico e físico, assim como o amor e o ódio e ainda aquilo que não é aceito pelo ego, possibilitando com isso interpretar o ego como “pessoa”, mas também, o que no contexto geral de sua obra tem mais sentido, um campo de experiência da personalidade.

Década de 1940

Ao abordar os problemas oculares infantis, especificamente tais problemas no campo das psicoses, Winnicott (1944a) diz que a falta de coordenação entre os olhos seria a dramatização da “divisão do ego”, ao que ele também chama de “divisão da personalidade”, possuindo o ego assim o sentido de personalidade,

ou ainda, que uma (o ego) seria condição para outra (personalidade). No ano seguinte, Winnicott (1945h) apresenta a questão egoica dentro de um processo em que o ego construiria um superego pessoal servindo no “manejo” e no “emprego” dos instintos do id²³. Aqui já é possível verificar a existência da ideia de que “não há id antes de ego”, ou seja, mesmo que exista um id anterior ao ego de nada valerá seus impulsos sem que haja um ego forte e coeso o suficiente para experienciar suas demandas.

Winnicott (1996o) diferencia a integração da personalidade do sentimento de viver no próprio corpo, e para ele, um indivíduo com a personalidade integrada já começa a distinguir o que é interno daquilo que é externo. A divisão destes dois sentidos é feita por uma linha muito delicada. No início desta capacidade de percepção do interno e externo existe aquilo que Winnicott (1996o) considera como correlato aos “núcleos do ego” (p.47) de Edward Glover, que seriam pequenas experiências de si mesmo do bebê: enxergar uma parte de seu corpo como sendo dela, a sensação de fome, sensações táteis, entre outras coisas. Dois anos depois ele procura elucidar a questão da experiência do nascimento e ao fazê-lo utiliza a expressão “desenvolvimento do ego” (Winnicott, 1958f, p.263), considerando assim o ego como um aspecto em desenvolvimento no indivíduo, e que inicialmente não tem força alguma para lidar com “perturbações ambientais” (p.263). Neste trabalho ele mantém a ideia de núcleos do ego e faz uma afirmação fundamental, de que o que é fraco não são as partes do ego, mas sim a integração destas partes em uma totalidade egoica: “Estas considerações talvez lancem luz sobre a dificuldade de descrever o ego fraco do indivíduo imaturo, sabedores que somos da tremenda força de cada um desses núcleos do ego. O que é fraco é a integração da organização do ego total.” (Winnicott, 1958f, p.266).

A integração do ego terá como uma de suas funções defender a psique do bebê. Ao mesmo tempo em que as diversas experiências, mesmo que de natureza reativa a uma intrusão, fortalecerão a integração egóica, será o ego total, que por meio da “atividade mental”, manterá as intrusões afastadas, permitindo que as reações “se dêem (*sic*) uma de cada vez sem ocorrer a desorganização da psique” (Winnicott, 1958f, p.276).

²³ Esta mesma ideia estará presente em formulações posteriores (Winnicott, 1965n), no entanto ele não utilizará o superego dentro do processo.

Década de 1950

Em um texto do início da década de 50 Winnicott (1958b) aborda a questão do estágio do concernimento como correlato à posição depressiva de Melanie Klein. Neste estágio, ele considera que o ego já alcançou um grau de integração em que consegue perceber a “personalidade da figura materna” (p.291) e que isso tem como consequência o reconhecimento por parte do bebê dos resultados de suas “experiências instintivas”. Em um primeiro momento pode parecer que Winnicott esteja tomando ego por bebê, mas que não pode ser considerado verdade, pois o ego aqui é parte da totalidade da pessoa que é o bebê, capaz de experienciar as demandas instintivas, integrando-as à sua personalidade do lactente. Mais adiante, ainda neste texto, Winnicott busca examinar a “pré-história do elemento agressivo” e afirma que no início primitivo não existe uma integração egóica, mas que, ainda assim, muita coisa acontece. Nos estágios mais primitivos o ego e o id seriam indiferenciados.

Em 1953 Winnicott faz a resenha dos livros de dois autores importantes da psicanálise, Fairbairn (1953i) e Bowlby (1953f). Ao abordar o trabalho de Fairbairn “Estudos psicanalíticos da personalidade” Winnicott, juntamente com Masud Khan, faz uma série de críticas aos desenvolvimentos teóricos propostos por Fairbairn, dentre elas a maturidade do bebê nos estágios iniciais. A palavra ego só aparece nesta resenha nos trechos em que é citado o texto de Fairbairn, ou em formulações feitas por Winnicott que tem como base, as afirmações o livro resenhado. Ainda que não tratada explicitamente, é verificável a discordância de Winnicott com a ideia proposta por Fairbairn, de um ego com capacidades sofisticadas nos estágios primitivos do desenvolvimento, como, por exemplo, a capacidade do bebê em se identificar com um “objeto que ainda não foi diferenciado” (Winnicott, 1953i, p.320). Na resenha de Bowlby, Winnicott também crítica a maneira pela qual é concebida a noção de ego, a que Bowlby chamou de “maquinaria psíquica”, que serviria para “harmonizar” as diferentes necessidades do indivíduo, Winnicott (1953i) faz a seguinte crítica:

Sugiro que o enunciado de que alguma maquinaria psíquica 'é o ego' só pode resultar em confusão nas mentes daqueles que são novos à psicologia, especialmente por ser a palavra 'ego' utilizada de modo variado por diversos grupos de pessoas. O inverso ter-me-ia parecido mais satisfatório, ou seja, que os psicanalistas chamam de ego essa maquinaria psíquica, enquanto que outros têm a liberdade de chamá-la por algum outro nome. (Winnicott, 1953i, p.324).

Independente da crítica feita por Winnicott é importante destacar seu reconhecimento de que a palavra ego é utilizada de diversas maneiras por grupos diferentes de pessoas. Fato que será verificável ao analisar a maneira como ele usa tal noção no todo de sua obra em relação a outros autores fundamentais da psicanálise.

Ainda neste mesmo ano Winnicott (1954d) faz um trabalho elucidando o caso de duas crianças adotadas, sendo uma delas com quadro paranoide, caracterizado da seguinte maneira: “uma reorganização artificial dos objetos, no sentido de que aqueles sentidos como maus eram colocados fora do mundo, e aqueles sentidos como bons eram agrupados internamente” (p.124). De acordo com Winnicott, esta capacidade de “reorganizar”, “colocar para fora” e “agrupar”, é indício de uma organização no padrão da doença, indicando assim “força do ego” (p.124).

Em um trabalho posterior, Winnicott (1955d) trata a questão do ego ao se referir aos fenômenos da regressão, que para ele “[...] quando falamos de regressão na psicanálise estamos implicitamente presumindo uma organização do ego [...]” (p.378). Winnicott aqui concebe um ego “muitíssimo” organizado e que tem função defensiva da personalidade. O ego organizado é decorrente de um processo de desenvolvimento em que as necessidades egoicas devem ser supridas pela mãe para que sua estrutura possa se fortalecer, o ambiente é fundamental e sem ele é impossível “formular hipóteses sobre o desenvolvimento do ego inicial” (Winnicott, 1955d, p.380). Assim, Winnicott (1955d) considera que a “conclusão final” sobre o desenvolvimento do ego é o “narcisismo primário”, pois nele “[...] o ambiente sustenta o indivíduo, e o indivíduo *ao mesmo tempo* nada sabe sobre ambiente algum – e é uno com ele” (p.378). Outro aspecto fundamental apresentado neste trabalho é em relação ao trabalho clínico da regressão: primeiro a necessidade da criação de um contexto de confiança para que o paciente possa voltar à situação de

dependência. Com a sustentação do terapeuta o paciente passa a se sentir de um outro modo, de uma maneira em que ele possa tirar da ocultação parte de seu si mesmo e entregar ao seu ego total, auxiliado pelo ego do terapeuta. Desta forma integra mais este aspecto que fortalecerá seu ego, possibilitando assim voltar da situação de dependência caminhando para uma independência, e agora com o ego fortalecido, as “necessidades e desejos instintivos” poderão se tornar “realizáveis com vigor e vitalidade genuínos” (Winnicott, 1955d, p.384). Ainda nesta ideia, a existência de uma organização do ego como condição para que haja a possibilidade de regressão, que Winnicott (1987b) escreve para Clifford Scott.

No ano de 1955, em dois textos, Winnicott (1955c; 1965s) se refere às necessidades do ego do bebê, chamando a atenção mais uma vez para a importância dos cuidados ambientais que darão as condições para que o ego possa se desenvolver e então dar algum sentido para a vida instintiva. Neste mesmo ano, em uma carta a Fordham, Winnicott (1987b) destaca que a utilização da palavra ego pode sofrer desdobramentos, mas que sempre as modificações de uso sejam justificadas, tal qual ele fará em um artigo posterior em que tratará da integração do ego de maneira direta.

Ao tratar a questão da transferência, Winnicott (1956a) utiliza ego como resultante da dependência absoluta do ambiente; e que somente pela adaptação inicial suficientemente boa da mãe se integrará em um “ego intacto”, que figura como condição para que haja a neurose de transferência. Este “ego intacto” ao qual Winnicott se refere é capaz de “manter defesas contra a ansiedade derivada dos instintos – e de assumir a responsabilidade pelas mesmas” (p.394). Na clínica, o terapeuta que se deparar com um paciente com ego intacto terá a certeza de que houve cuidados iniciais de qualidade, do contrário, o analista deverá se adaptar às necessidades do ego do paciente e possibilitar a integração do ego a partir dos “núcleos egoicos”, assim como “sua consolidação como um ego corporal” (p.396). Neste momento do trabalho mais uma vez Winnicott se alinha com a proposta de Glover de “núcleos do ego”, assim como a noção de Freud de que o ego é um “ego corporal” (Freud, 1923).

No sentido muito parecido ao trabalho anterior que Winnicott (1958n) utiliza a noção de ego ao trazer a luz o trabalho “A preocupação materna primária”;

considera a existência de necessidades do ego que precisam de uma sustentação por parte do ambiente, período agora denominado de um “continuar a ser” não interrompido. Aos poucos, o ego do bebê vai ganhando forças e passa a dominar os instintos, e deixa claro que só há sentido em falar de instinto se falar de ego, e uma vez que o ego esteja estruturado as experiências instintuais fortalecem o ego, mas do contrário, caso não haja uma integração egoica ele se enfraquece. O ego do bebê ainda frágil é auxiliado pelo ego da mãe, e assim o bebê consegue estabelecer períodos de integração egoica, obtendo experiências, e é no somatório deste processo que o ego se estabelecerá como unidade.

No trabalho “A tendência antissocial”, Winnicott (1958c) mantém a ideia de necessidades do ego sendo supridas pelo suporte da mãe, no entanto um novo termo é utilizado na formulação. A mãe aqui deve satisfazer as necessidades do bebê até que ele tenha uma “mãe-suporte do ego introjetada” (p.143). O ego aqui também é responsável por experienciar os impulsos do id.

Em uma carta à Joan Riviere, criticando o trabalho de Klein, Winnicott (1987b) deixa claro que os kleinianos ao deixarem de lado o desenvolvimento do ego do bebê, não estão fazendo “uma formulação da infância mais inicial” (p.120). Ainda em tom de crítica Winnicott (1978b) localiza a maneira pela qual utiliza a expressão “regressão à dependência” (p.122), não em termos pulsionais “ligada à fase oral”, mas sim a um período anterior de relacionamento egoico, o ego da mãe suplantando o ego frágil do bebê. Em outro trabalho (do mesmo ano, continua as críticas à Klein, ou melhor, aos kleinianos por parecerem “não levar em conta... a imaturidade do ego” (p.135) e desta forma falam do bebê sem falar dos cuidados maternos, o que Winnicott considera um “erro” (p.135). Este estágio é anterior até mesmo ao “estabelecimento da alimentação”, que para tal exige “um bocado de desenvolvimento do ego” (p.135). Quanto mais precoce o período abordado mais deve ser considerado o papel e função do ambiente, que em 1957 Winnicott (1958i) chamou de “ambiente auxiliar do ego” (p.104).

Em outros trabalhos do ano de 1958 a questão egoica é tratada no sentido da necessidade de um desenvolvimento notável do ego para que certos acontecimentos possam efetivamente ser um acontecimento, como por exemplo, em relação à perda ou à capacidade de “sentir luto” que é impossível em um ego

imaturado (Winnicott, 1984f). O mecanismo do luto é complexo e envolve a capacidade de introjetar o objeto perdido e então este ser “submetido ao ódio dentro do ego” (p.150).

Em 1958 em uma carta a Victor Smirnoff, Winnicott (1987b) afirma que geralmente na teoria psicanalítica “se assume que o ego é um ego corporal” [e isso implicaria em uma] “estrutura total da personalidade [...] construída sobre o funcionamento do corpo e sobre a fantasia que acompanha o funcionamento do corpo” (p.148). Winnicott está em harmonia com a formulação freudiana de que o ego é, sobretudo, um ego corporal (Freud, 1923b).

Neste mesmo ano Winnicott (1958j) deixa confusa a precisão do que é ego e do que é *self* e utiliza os termos como sinônimos, como pode ser visto na seguinte citação: “a preservação do que se sente ser ‘bom’ – isto é, aceitável e revigorante para o *self* (ego)” (p.11). Ao mesmo tempo, em uma nota de rodapé é feita a seguinte observação, no primeiro momento em que aparece a palavra *self*: um “conceito psicanalítico que inclui o eu (ego) e o não-eu. É a totalidade da própria pessoa” (p.7). Em se tratando de confusões na utilização de termos é digno de nota destacar o texto intitulado “Ideias e definições” (1989l) em que Winnicott considera que o ego inicial formulado por Freud seja correspondente ao falso *self* ou então ao “ego observador de outros autores” (p.36).

Por fim, um ano depois, com tom crítico à Klein, Winnicott (1959) chama a atenção para a necessidade de existência de uma organização do ego para que possa “haver inveja” (p.339) e necessidade de a mãe se adaptar às necessidades do bebê.

Os usos feitos por Winnicott da palavra ego na década de 1950 apresentam sutis divergências, às vezes se aproximando do sentido clássico dado por Freud e em outros momentos aparecendo em um sentido original dentro do campo teórico da psicanálise. Em “A capacidade de estar só” (1958g), Winnicott faz um trajeto do sentido clássico formulado por Freud até momentos em que se coloca como pensador original da questão da noção de ego. Inicialmente apresenta o cenário dado por Freud, um ego que modifica o ambiente para conseguir satisfações para o id e utiliza a expressão “ligado ao ego” (p.33), que significa que existe a

relação entre duas pessoas e que uma delas está “de qualquer modo só”. O bebê com o apoio do ego da mãe, ou seja, o bebê “ligado ao ego da mãe”, tem sua integração garantida pelo ambiente, e desta forma pode relaxar e permanecer em um estado que não precisa ter responsabilidade alguma, sua dependência é quase que total. Em outro texto este cenário pode ser observado da seguinte forma: “o ego não é suficientemente forte e organizado para aceitar as responsabilidades pelos impulsos do id, e a dependência é quase absoluta” (Winnicott, 1958g, p.28). Foi com este tipo de formulação que, de acordo com Winnicott (1958h), levou a psicanálise a tomar o ego como objeto de estudo.

Década de 1960

A década de 1960 é marcada como o período mais original das ideias desenvolvidas por Winnicott, e desta forma, o mesmo ocorre em relação às suas formulações sobre a noção de ego. Muito daquilo que Winnicott escreveu sobre o ego ao longo dos anos de 1960 já estava presente em momentos anteriores da sua obra, contudo em alguns trabalhos a noção de ego é tomada como central sendo abordada de maneira precisa e profunda pelo autor (Winnicott, 1965n), ou mesmo quando não figurando como tema central, apresentando formulações e desenvolvimentos fundamentais da noção de ego (Winnicott, 1960c). Ao longo da década de 1960, Winnicott aborda a questão do ego em pelo menos cinquenta e dois artigos, claro que muitas vezes apenas de maneira passageira, mas a noção é abordada de maneira aprofundada. Devido a grande quantidade de artigos deste período relacionados ao tema, primeiramente serão expostas as ideias dos textos em que a utilização do termo é passageira, apenas para indicar o sentido utilizado. Num segundo momento serão expostos os trabalhos em que há um aprofundamento da questão. Este método de apresentação dos textos será feito ano a ano, para tentar manter a maneira pela qual Winnicott utiliza a noção ao longo de uma linha do tempo.

No ano de 1960 existe uma passagem curta em que Winnicott (1989xi) cita a palavra ego, no entanto ele não faz qualquer tipo de desenvolvimento, apenas apresenta brevemente a noção dentro de um contexto construído por Freud:

“quando o superego afeta o id e quando o ego se acha em desacordo com o superego” (p.353). Em outro texto, Winnicott (1965m) traz uma passagem em que comenta um relato de um paciente “[...] bom manejo (cuidado do ego) como experimentei durante esta hora é uma refeição (satisfação do id)” (p.130). Neste pequeno trecho está muito do que Winnicott desenvolveu na década passada em relação à noção de ego. As demandas instintivas só teriam alguma importância para o indivíduo caso sejam experienciadas pelo ego. No caso da passagem relatada o manejo oferecido por Winnicott serviu de suporte ao ego fragilizado do paciente, o que possibilitou que seu ego pudesse ter dentro de seu campo de experiência os impulsos do id, que fortalecem o ego, quando este se encontra estruturado, ou ainda, nas palavras de Winnicott (1965m): “quando esse desenvolvimento ocorre, a satisfação do id se torna um importante fortificante do ego, ou do self verdadeiro” (p.129). Vale deixar claro que, de acordo com essa passagem, Winnicott não está considerando o ego como sinônimo de *self*, e sim que o ego faz parte do *self* verdadeiro e uma vez que ele é fortalecido automaticamente o *self* se fortalece. No artigo “Teoria do relacionamento paterno infantil” (Winnicott, 1960c) a ideia do texto anterior está mantida, contudo há uma descrição mais extensa do “período de desenvolvimento do ego”, iniciando com a importância do auxílio do ego da mãe para o lactente “viver e se desenvolver” (p.39) e passando pelo período em que as “forças do id clamam por atenção” (p.41). As forças do id “clamam” por um ego que as “controle”.

Em 1961 Winnicott aborda a questão do ego em termos de “estrutura do ego”. No trabalho em que apresenta as variedades de psicoterapias (Winnicott, 1984i) atribui como decorrente de uma “falha na estrutura do ego” a gênese das psicoses. E em outro texto em que se refere às “psiconeuroses na infância” apenas faz a observação de que a psicanálise “clássica” lida com pacientes com ego saudável e “sem rompimento da estrutura do ego” (Winnicott, 1989vi, p.57).

O trabalho intitulado “A integração do ego no desenvolvimento da criança” (Winnicott, 1965n) figura não só como o principal texto que aborda a noção de ego em 1962 como também é aquele em que Winnicott trata da questão de maneira mais direta em toda sua obra. Nele estão presentes os principais desenvolvimentos feitos pelo autor, tais como: a definição do que é o ego, sua gênese, seu desenvolvimento, a importância do ambiente na integração egoica assim como as

psicopatologias decorrentes das falhas no processo integrativo do ego. O ego neste trabalho difere das formulações psicanalíticas clássicas, e sua descrição revela sua natureza diferente da noção de *Self*. Outros textos deste ano que abordam a questão não têm a mesma profundidade conceitual, aparecendo de maneira mais geral em trabalhos como “Os objetivos do tratamento psicanalítico” em que o autor coloca o papel do terapeuta equivalente à função materna, e através da confiança conquistada o paciente poderá aceitar “tipos de experimentação” (Winnicott, 1965d, p.153). Dentro desta mesma ideia, Winnicott (1987b) escreve a Benjamin Spock que o bebê “julga seguro ou inseguro” deixar com que a mãe ofereça apoio ao ego, tal qual o paciente permitindo ao terapeuta atuar como ego auxiliar. Por fim em um trabalho em que comenta a influência de Klein em seu pensamento, Winnicott (1965va) aponta que o principal ingrediente na relação a duas pessoas é a “organização egóica (*sic*)” (1987b, p.160).

Ainda neste contexto dado ao ego, na relação entre duas pessoas, que o autor trata no trabalho de 1963 “O desenvolvimento da capacidade de envolvimento” (Winnicott, 1963b). Para ele a organização do ego é que possibilita a capacidade de se envolver, e esta organização é “conseguida como uma proeza, uma proeza dos cuidados proporcionados ao bebê e à criança” (Winnicott, 1963b, p.12). Com o tempo, e com os cuidados necessários, o ego do bebê vai se tornando independente. Neste ano encontra-se outro trabalho fundamental na compreensão daquilo que Winnicott concebe por ego. No artigo “O medo do colapso” o autor elucida um ego muito imaturo e que por isso não consegue “reunir todos os fenômenos dentro da área da onipotência pessoal” (Winnicott, 1974, p.73). Aqui está presente uma formulação complexa em que o ego organiza a defesa contra o colapso de sua própria organização frente a uma falha do ambiente, contudo “o ego não pode se organizar contra o fracasso ambiental, na medida em que a dependência é um fato da vida” (p.71). Esta situação deixa os traços de uma experiência de “agonia primitiva” fora do campo de onipotência do indivíduo e assim, na análise o papel do terapeuta, tal qual o da mãe, será o de oferecer um apoio de “ego auxiliar” (p.73) para que então o ego do paciente possa integrar esta experiência de agonia primitiva dentro de “sua própria e atual experiência temporal e do controle onipotente” (p.73). Fica clara a função dada ao ego, como sendo uma parte do indivíduo responsável por integrar experiências. Assim também aparecerá

em outro trabalho, em que Winnicott (1989vv) propõe um problema ao ego: “como integrar estes dois aspectos da destruição?” (p.178).

Ao tratar das consequências das psicoses dos pais nos filhos em “Consequências da psicose parental para o desenvolvimento emocional da criança” (1961) Winnicott cita a palavra ego de maneira breve e atribuindo como uma das tarefas integrativas do indivíduo humano a integração entre ego e corpo. Winnicott expõe esta ideia em seu sentido negativo, ou seja, não ao tratar dos indivíduos saudáveis, mas sim dos esquizoides, que de acordo com o autor, neles é possível perceber “uma certa fraqueza de integração entre ego e corpo. O trabalho de parceria entre psique e soma é falho” (p.107). A concepção de um ego que se integra com o corpo também aparece no trabalho “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo” (Winnicott, 1965r), em que o autor coloca o estado tranquilo das funções corporais da criança, ou seja, livre de “reações a irritações”, como servindo de base para a “construção de um ego corporal” (p.82).

Mais uma vez, no ano de 1963, Winnicott volta a se posicionar em relação à teoria clássica frente àquilo que atribui à noção de ego. Em uma resenha sobre o artigo de Harold Searls, “*The non-human environment in normal development*” (1963i), Winnicott clarifica que no seu desenvolvimento a psicanálise tinha como base “no id contido pelo ego e controlado pelo superego” e que, num momento posterior, “quando os psicanalistas sentiram-se suficientemente seguros para explorar a psicologia do ego e a capacidade de relacionamento (*ego-relatedness*) do ego” (p.362), passaram a dar atenção à dependência infantil. Em outros trabalhos, ainda deste ano, os desenvolvimentos foram semelhantes a alguns anteriores, no artigo. “A comunicação e a falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos” (Winnicott, 1965j), traz o cenário de um ambiente facilitador, ou seja, “o apoio do ego da mãe ao ego imaturo do bebê” (p.169), que é o mesmo sentido utilizado em “O valor da depressão” (Winnicott, 1964e) em que ele descreve os cuidados da mãe como responsáveis pela força e estrutura do ego do bebê. Pensando em termos de estrutura e organização do ego que Winnicott utilizará no trabalho “Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil” (1965vd), em que o autor ao se referir à depressão, ou melhor, que ao se fazer o diagnóstico da depressão está sendo considerada uma “organização e força do ego” (p.208), ao

mesmo tempo, no artigo “Dependência no cuidado do lactente” (1963a), Winnicott coloca que a depressão seria decorrente da “vulnerabilidade do ego” (p.226).

Os artigos seguintes contêm praticamente todos os sentidos e usos da noção de ego dada por Winnicott até então, no entanto, a fim de manter a cronologia da utilização dos termos ao longo de sua obra, o percurso na linha do tempo será mantido, de maneira menos desenvolvida, apenas citando o trabalho e a ideia geral utilizada, mas quando necessário, ou seja, quando houver algum tipo de uso diferente, ou um mesmo uso mas com nomenclatura diferente, isso será apontado e desenvolvido.

Em uma carta a John Wisdom, Winnicott (1987b) expõe a expressão “necessidades do ego”, ou seja, a fragilidade egoica do bebê necessitando da adaptação dos cuidados da mãe. Já em “O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê” (Winnicott, 1965vf) ele expõe a questão da fragilidade do ego, que na verdade é “simultaneamente forte e fraco” (p.24); fraco se deixado à própria sorte do bebê, mas forte se sustentado pelo ego da mãe. Winnicott (1965vf) localiza neste trabalho “coisas” que só ocorrem no reforço ao ego dado pela mãe, como por exemplo, o “nascimento do novo self verdadeiro” (p.25), e também um ego que pode organizar defesas “contra as ansiedades decorrentes dos impulsos e experiências do id” (p.28). Nesta mesma direção, Winnicott (1964c) escreve o artigo “O recém-nascido e sua mãe”, em que a mãe aparece como auxiliar ao ego do bebê. Neste, ele localiza a incapacidade de um ego imaturo organizar defesas podendo resultar no quadro de “esquizofrenia” (p.34). Ele ainda utiliza uma expressão nova “aumento indevido do ego” (p.38) fazendo referência ao surgimento da mente em um período muito precoce para tentar, de alguma forma, dar conta da falha ambiental materna, caracterizando assim uma cisão. A questão da cisão estará presente no artigo “Transtorno psicossomático” (1966d) uma cisão na organização do ego do paciente, decorrente da falha do reforço ao ego oferecido pela mãe. A cisão, neste caso, também seria em termos de relação psique e soma, afinal Winnicott, mais uma vez, afirma que “o ego se baseia em um ego corporal” (p.88).

No mesmo ano de 1964, ao tratar da importância do *setting* no estado de regressão do paciente Winnicott (1989m) descreve o desenvolvimento emocional como sendo baseado no acúmulo de experiências possibilitado pelo ego. Em uma

resenha sobre um livro de Jung (Winnicott, 1964h) dois pontos são fundamentais de se destacar: o primeiro é o “reconhecimento” por parte de Winnicott de que vinha utilizando ego e *self* como sinônimos; e o segundo ponto é que ele concorda em termos com a psicologia do ego, de que exista um ego desde o início. Para ele o ego do bebê inicialmente existe, desde que sustentado pelo ego auxiliar da mãe.

Em “Dissociação revelada numa consulta terapêutica” (Winnicott, 1966c) o uso da palavra ego é em termos de organização e força, assim como a atribuição de uma área intelectual ao funcionamento do ego. Ainda em termos de função intelectual está o trabalho “Uma nova luz sobre o pensar infantil” (Winnicott, 1989s), em que o autor trata da questão do “despertar prematuro do ego” como um substituto materno, valendo lembrar que este processo se caracterizará pela fraqueza da estrutura egóica. No artigo “Psicologia da loucura” (Winnicott, 1989vk) estão elementos já desenvolvidos por Winnicott anteriormente, por exemplo, o apoio oferecido ao ego pelo ambiente, agora dito como “pais”. Eles seriam extremamente importantes para a organização egoica, que então possibilitará que o bebê possa experimentar. Caso não haja tal organização não há espaço sequer para o sofrimento. Por último, em 1965, Winnicott, em uma resenha de um trabalho de Erikson “*Childhood and Society*” (1965vj), utiliza a expressão ego, mas apenas no sentido dado pelo próprio autor do livro.

No ano de 1966, em uma carta a Donald Meltzer, Winnicott (1987b) esclarece que a maneira pela qual o analista compreende o paciente é uma forma da organização de seu ego. No trabalho “A mãe dedicada comum” (Winnicott, 1987e) mais uma vez está a referência do ego da mãe auxiliando no apoio ao ego do bebê, organizando assim seu ego. Em outro texto, em que aborda o brincar o ego aparece como uma parte do *self* do bebê (1968i, p.66). Os instintos seriam uma ameaça tanto à brincadeira quanto ao ego, mais uma vez aqui atribuindo à sustentação ambiental, ou seja, ao suporte egoico oferecido pela mãe, como o possibilitador de certos tipos de experiências, tais como as instintivas ou as experiências da área do brincar. A ameaça estaria no desenvolvimento prematuro do ego, com uma organização frágil e incapaz de manter dentro de seu controle as demandas do id. No “Criatividade e suas origens” (Winnicott, 1971g) o autor considera que à medida que haja uma organização do ego se estabelece uma relação de objeto com o elemento feminino.

Um ano depois, no artigo “Localização da experiência cultural” (Winnicott, 1967b) o autor usa a expressão “reparação da estrutura do ego”, decorrente de um período de privação da mãe, o que primeiramente causa o enfraquecimento das estruturas do ego. Se ela não se ausentar por mais tempo do que o bebê possa mantê-la em sua memória, e logo que retornar, “mimar” seu bebê, então haverá a reparação da estrutura egoica do lactente. Ainda em 1967, Winnicott (1967c) se refere a Lacan e ao papel do espelho no desenvolvimento do ego como uma ideia que o influenciou no desenvolvimento deste artigo, mas se mantém apenas na apresentação deste trecho, sem fazer desenvolvimentos em relação à noção de ego. No trabalho “O conceito de regressão clínica comparado com o de organização defensiva”, (1968c) ele traz a expressão, já utilizada anteriormente, “ego observador” (p.154) como uma defesa do ego. No artigo em que aborda o conceito de indivíduo saudável Winnicott (1971f) trata da questão do desenvolvimento prematuro do ego, além disso, trata das questões desenvolvimentais do ego e a classifica como “complexa” (p.21).

Em “Natureza Humana” (Winnicott, 1988) existem variações na utilização da palavra ego, talvez por ser um trabalho escrito em 1954 e revisado constantemente até 1967. É importante destacar que neste livro Winnicott faz um percurso começando pelas ideias desenvolvidas por Freud, passando por aquelas desenvolvidas por Klein e chegando enfim as suas próprias contribuições. O sentido de ego desta forma é inicialmente formulado em termos freudianos e ao final utiliza-se de uma de suas ideias mais importantes: “no início teórico existe o estado de não integração” (Winnicott, 1988, p.136), e ao fim desta citação acrescenta uma nota de rodapé em que afirma que esta formulação deriva da noção de núcleos do ego, desenvolvida por Glover.

Em 1968 três trabalhos de Winnicott apresentam o uso de ego em um sentido semelhante: no “Jogo dos rabiscos”, (1968k), “Sum: eu sou” (1984h) e “O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo” (1989xa). O autor traz a questão do ego frágil dependente do apoio do ego da mãe, e ao receber tal apoio se torna um ego forte. Em outro trabalho, Winnicott (1969f) aborda a questão do desenvolvimento prematuro do ego resultante de “uma identificação com a mãe, e uma participação nos problemas da mãe decorrentes do fato de o irmão ser doente e anormal” (p.228). Sobre o desenvolvimento egoico prematuro também está o

trabalho “O pensar e a formação de símbolos” (Winnicott, 1989vq), em que o “pensar” seria parte de um mecanismo defensivo do ego para proteger o bebê do fracasso da adaptação da mãe às suas necessidades. Ainda em relação à organização do ego está o trabalho “Raízes da agressão” (Winnicott, 1989xh), que também traz uma complexa formulação: “O novo bebê ainda não separou o NÃO-EU do EU, de maneira que, por definição, o NÃO-EU ou o ambiente fazem parte do EU em termos de ego do bebê.” (p.351).

Ou seja, o bebê ainda não tem a consciência da existência da mãe, afinal ela se encontra completamente adaptada às suas necessidades e seu ego atuando como suporte do ego frágil do bebê. O ego da mãe e o do bebê existem como uma coisa só.

Em 1969, Winnicott (1970b) utiliza a expressão “organização do ego” como condição para que o bebê possa experienciar questões “complexas” (p.199) envolvendo o sentimento de raiva. No trabalho “A loucura da mãe tal como aparece no material clínico como fator estranho ao ego” (WINNICOTT, 1972b), curiosamente, apesar do título, Winnicott não utiliza a palavra ego em seu desenvolvimento.

Década de 1970

Winnicott faleceu em 1971 e assim poucas formulações sobre a noção de ego foram feitas nesta década. Em 1970 ele descreve, em “Sobre as bases para o self no corpo”, (1971d) como as distorções no ego podem “provir de distorções na atitude daqueles que cuidam da criança”. Por fim, em 1971, faz referência ao ego na análise de um desenho feito por uma paciente, o desenho de um cachorro em que Winnicott (1971b) localiza a representação do que seria o “apoio ao ego” (p.16). Em outro desenho de um paciente, Winnicott (1971b) interpreta a força empregada no rabisco como um “apoio ao ego” (p.178). Sem se referir a desenhos ele faz ainda dois usos da noção de ego, ao relacionar a desintegração como uma “organização prematura do ego” (p.68) e finalmente elucida o fato de que seja possível que com o terapeuta a criança possa pela primeira vez assimilar experiências fundamentais de sua personalidade, possibilitado pelo apoio ao ego do terapeuta.

2.4 A noção de ego em Winnicott

Como visto no item anterior, a noção de ego percorre toda a obra de Winnicott, desde seus escritos iniciais até seus últimos trabalhos, sendo usada em diversos contextos e assumindo definições e funções diferentes. No entanto, ao se fazer uma análise da totalidade dos trabalhos em que é abordada tal questão é possível fazer delimitações daquilo que ele concebe por ego, sua estrutura, gênese, desenvolvimento, função e as consequências da integração egoica assim como os resultados decorrentes de falhas neste processo integrativo. Não há dúvidas de que o texto em que Winnicott trata de maneira mais direta e precisa sobre a difícil questão do ego é o “A integração do ego no desenvolvimento da criança” (Winnicott, 1965n), portanto este será o texto que servirá como o principal alicerce dos desenvolvimentos seguintes. Claro que este trabalho de Winnicott não dá conta da totalidade do que ele escreveu sobre o assunto, mas nele estão os pontos fundamentais assim como trechos chaves que levarão à complementação com ideias desenvolvidas em outros momentos de sua obra.

Primeiramente é de alguma importância destacar o que Winnicott compreendia pela palavra ego, não no que se refere a sua definição psicanalítica, mas um passo anterior, ou seja, o que representa a palavra ego em si. Winnicott (1964h) faz a seguinte afirmação: “[...] ego uma expressão a ser usada por conveniência com um significado ao qual se concordou” (p.371). Ao fazer esta afirmação Winnicott destaca como a palavra exige muito cuidado²⁴ na sua utilização, afinal ela é usada com um significado que foi “concordado” por um grupo de pesquisadores. Cabe então, uma questão: qual significado foi concordado? E ainda por qual grupo de pesquisadores? Winnicott (1953f), por exemplo, não concorda com a utilização feita por Bowlby de que o ego é uma “maquinaria psíquica” (p. 324), ou ainda, em outro trabalho, faz uma crítica dura escrevendo a Fordham com a seguinte afirmação:

²⁴ Winnicott (1960b) faz a seguinte afirmação: “Devemos também ter cuidado com palavras que são usadas de modo diferente por vários grupos de profissionais: ego, inconsciente, ilusório, sintônico (reagir sintonicamente), análise, etc...” (p. 146).

[...] quando usamos o termo ego estamos introduzindo um termo para o nosso próprio benefício e temos de defini-lo? Acho que Freud deu início a essa idéia (*sic*) de usar o termo ego, e nós, portanto, somos obrigados a seguir seus desdobramentos no uso do termo e justificar nossas variações ao usá-lo. Acho que Jung prestou um desserviço ao pensamento claro distorcendo o termo de Freud, ego, e tornando difícil seguir as idéias (*sic*) em desenvolvimento do modo como o termo pode ser útil (Winnicott, 1987b, p.107).

Neste trecho Winnicott se posiciona em relação ao sentido dado à utilização da noção de ego, vale destacar que ele afirma que as variações devem ser justificadas. Dentro desta recomendação, em outro trabalho, Winnicott (1964h) ilustra como o termo é modificado dentro da própria teoria freudiana, o que ele chamou de evolução na utilização da expressão, mas também modificações feitas por Jung e também pelos psicólogos do ego:

O fato é que a expressão 'ego' é utilizada de modo diferente, ao usar o jargão freudiano ou junguiano. Freud certamente usou o termo de diferentes maneiras, de acordo com a época em que estava escrevendo. Na metapsicologia freudiana, o conceito do ego tem sua própria evolução. A idéia (*sic*) inicial do ego como sendo uma parte do id não resistiu ao teste do tempo. A psicologia do ego, nos círculos analíticos, começou a desenvolver-se na década de 30 e atualmente vem sendo levada à frente, de maneira que a ideia de haver um ego desde o início (anterior à experiência do id e abrangendo-a) é considerada, especialmente se isso é encarado como intimamente relacionado a um apoio do ego fornecido de modo sensível pela mãe ao bebê que tem a sorte de possuir uma mãe apoiadora ao ego. (Winnicott, 1964h,p.371).

No final da citação é visível a inferência feita por Winnicott como se a ideia de “haver um ego desde o início” tivesse como consequência natural para sua formulação da existência de uma mãe funcionando como um ego auxiliar do bebê. A partir deste ponto já é possível o início do desenvolvimento daquilo que Winnicott concebe pela noção de ego, ou seja, o “acordo” de utilização da expressão dentro de sua teoria. Em sua definição mais precisa Winnicott (1965n) afirma que o termo ego pode ser utilizado para “descrever a parte da personalidade humana em crescimento que tende sob condições favoráveis a se integrar em uma unidade²⁵” (p.55). Esta afirmação já apresenta o cenário inicial do ego, ou melhor, um dos aspectos deste contexto. O ego em sua origem estaria em um estado não-integrado (Winnicott, 1988), o que implica que, a princípio, o bebê, como pessoa, não esteja integrado, afinal nos estágios mais primitivos do desenvolvimento emocional, o

²⁵ No original: “The term ego can be used to describe that part of the growing human personality that tends, under suitable conditions, to become integrated into a unit.” (p. 56)

funcionamento do ego, que implica na sua integração, não pode ser considerado e compreendido como um conceito separado da existência da criança enquanto pessoa (Winnicott, 1965n). O que é o bebê ao nascer senão isto que afirma Winnicott (1969g): “O bebê é uma barriga unida a um dorso, tem membros soltos e, particularmente, uma cabeça solta: todas estas partes são reunidas pela mãe que segura a criança e, em suas mãos, elas se tornam uma só.” (p.432).

Este é o estado inicial de um bebê, um ser sem qualquer tipo de organização e que somente por ser contido nos braços da mãe, ou de maneira mais genérica, nos cuidados do ambiente, poderá de alguma forma se organizar, no exemplo da citação, uma unidade física. O mesmo pode ser dito de seu ego²⁶ no estado prematuro, que ainda não possui uma organização, mas que sustentado pelo ambiente passa a ser caracterizado como uma “organização em marcha” (Winnicott, 1949b, p.29). O papel do ambiente neste período é sustentar toda a situação inicial, juntar os pedaços do corpo do bebê em uma coisa só, assim como unir os fragmentos²⁷ não integrados, que unidos formam um ego, e com isso é possível afirmar que para Winnicott (1964c) o bebê “teve um ego desde o primeiro instante” (p.31). Com esta afirmação poderia se argumentar que Winnicott compactua com a proposta da psicologia do ego, de que há um ego desde o nascimento do bebê, mas isso não pode ser tomado como verdade, pois ele diz claramente que o ego existe desde o começo, mas desde que haja o suporte egoico materno, ou ainda, poderia se dizer que enquanto para a psicologia do ego, o ego está lá desde o início, em Winnicott (1965n) esta equação deve ser invertida, pois para ele “o início está no momento em que o ego se inicia” (p.56). Assim como Winnicott não se filia aos psicólogos do ego, o mesmo pode ser dito em relação à proposta de gênese do ego formulada por Freud (1923b), de que o ego seria uma parte escindida do id.

A discordância de Winnicott (1965n) no que se refere à gênese do ego contraria as formulações clássicas da psicanálise, e ainda, a proposição feita por ele é condição para que seja feito um estudo do ego, em seus termos “não há id antes de ego” (p.55). Antes de prosseguir é digno de nota destacar a ideia geral formulada

²⁶ O que ele também chamou de núcleos do ego disperso aglutinados em uma coisa só pelo suporte egoico da mãe (Winnicott, 1988).

²⁷ Winnicott em algumas passagens se refere que obteve esta ideia da formulação de Edward Glover (Winnicott, 1988).

por Freud na questão que envolve o id e o ego. A formulação a seguir é feita por Winnicott:

Nas suas formulações teóricas iniciais ele estava interessado no id, nome pelo qual ele se referia aos impulsos instintivos, e no ego, nome pelo qual ele chamava aquela parte do eu total que se relacionava com o ambiente. O ego modifica o ambiente para conseguir satisfações para o id, e freia impulsos do id para que o ambiente possa oferecer o máximo de vantagens, do mesmo modo para a satisfação do id. Mais tarde (1923) Freud usou o termo superego para denominar o que é aceito pelo ego para uso no controle do id. (Winnicott, 1958o, p.20).

Assim como Freud nas suas primeiras formulações, o id ao qual Winnicott em sua obra se refere é a vida instintiva, e de acordo com ele, traços desta vida estão presentes no ser humano desde seu nascimento. Contudo, para que esta vida instintiva tenha alguma importância é necessário que haja duas coisas, um cérebro normal e um ego para organizar estas atividades instintuais dentro da onipotência do indivíduo. A questão do cérebro normal é meramente fisiológica, mas a existência do ego é mais complexa. O ego do bebê a princípio é imaturo e esta imaturidade é compensada “naturalmente [...] pelo apoio do ego da mãe”, num tipo de relação que Winnicott chamou de “relacionamento com o ego” (Winnicott, 1958g, p.35), também chamada de unidade ambiente-indivíduo, em que a mãe “empresta a unidade dela à criança” (Winnicott, 1969g, p.430), organiza o bebê juntando seus pedaços em coisa só, e assim traz o mundo aos poucos para que o bebê possa experienciá-lo:

É essencialmente no início que as mães são vitalmente importantes, e de fato é tarefa da mãe proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer. (Winnicott, 1945d, p.228).

Assim o ego do bebê será forte ou fraco de acordo com o suporte egoico da mãe, ou seja, conforme a capacidade dela em satisfazer o estado de dependência em que ele se encontra (Winnicott, 1965n). Um cuidado materno suficientemente bom dará as condições para que o ego do bebê tenha força suficiente para abranger uma série de acontecimentos, dentre eles os acontecimentos instintuais, que sendo vividos como uma experiência pelo bebê, servirão também para o fortalecimento egoico, possibilitando cada vez mais, outros tipos de experiências. Por outro lado, caso o ego seja fraco, as demandas instintivas o enfraquecerão ameaçando sua frágil integração:

Acredito que seja geralmente aceito que o impulso do id só é significativo se contido na vivência do ego. O impulso do id ou perturba um ego fraco ou então fortifica um ego forte. Pode se dizer que *a relação com o id fortifica o ego quando ocorre em um contexto de relação com o ego*. (Winnicott, 1958g, p.35). (grifo do autor)

Com o tempo o ego do bebê vai adquirindo forças e passa a ter uma integração própria, que Winnicott (1963b) chamou de duas maneiras diferentes. Primeiramente caracterizou este processo ao indivíduo “introjetar o ego auxiliar da mãe” e, mais a frente, no mesmo trabalho, atribuiu a expressão “estabelecimento de um meio-interno”, considerado por ele como um fenômeno mais “primitivo” que o primeiro, tendo mais sentido, dentro do contexto geral de sua obra. No momento em que seu ego se torna independente do ego materno, o bebê passa a ter um “interior, e, portanto, também um exterior” (p.72), a temporalidade também passa a fazer parte da integração do ego e o bebê pode tolerar a ausência da mãe, mantendo viva sua imagem no “mundo interno” (p.74).

Este processo de desenvolvimento do ego é caracterizado por “três tendências” (Winnicott, 1965n), que Winnicott também chamou de “três processos que ocorrem muito cedo” (1945d, p.222), ou ainda, três “metas” (1963c, p.201). Seriam eles: a integração, a personalização e o início das relações objetais. Estas três tendências dependerão do ambiente facilitador que, em que cada uma delas, desempenhará uma função diferente, na integração como “sustentação (holding)”, na personalização como “*manejo (handling)*” e, por fim, na relação de objetos terá a função de “*apresentação de objetos (object-presenting)*” (Winnicott, 1974, p.72). (grifo do autor)

Na integração, Winnicott (1945d) explicita que dois tipos de experiências auxiliam nesta tendência. Na primeira o ambiente oferece sustentação ao bebê, que de maneira mais rica poderia ser da seguinte forma: “a técnica pela qual alguém mantém a criança aquecida, segura-a e dá-lhe banho, balança-a e a chama pelo nome” (p.224), com este tipo de cuidado, que também é um suporte ao ego imaturo do lactente, possibilita a segunda experiência, das experiências instintivas aglutinarem a “personalidade a partir de dentro” (p.224). Estas experiências tomadas repetidamente ao longo do tempo permitirão que a integração egoica por parte do bebê se torne uma conquista, um fato. Ainda assim, a integração sem distorções ou

fragilidade terá como um dos sinais de saúde a possibilidade de regredir a um estado de “não-integração” em momentos de extremo relaxamento, isso porque há uma confiança no ambiente, que com o tempo se torna um ambiente bom, internalizado, e com isso, mesmo em momentos posteriores, como na fase adulta, o relaxamento de natureza não-integrada poderá ser alcançado, seja em um estado de sono, ou ainda em meio a uma experiência artística. A não-integração é de natureza completamente diferente da desintegração: “A não-integração é um recurso, a desintegração é um terror. Winnicott insiste que uma capacidade para estados de não integração primária levada adiante para a vida posterior é uma necessidade de desenvolvimento.” (Phillips, 2008, p.122)

A segunda tendência no desenvolvimento do ego, a personalização está ancorada na ideia de que o ego “se baseia em um ego corporal” (Winnicott, 1965n, p.58). No corpo de um bebê acontecem vários eventos instintuais e funcionais que dependem do funcionamento egoico para que possam se integrar como uma experiência no desenvolvimento do indivíduo, enriquecendo assim seu desenvolvimento egoico. Quando tudo vai bem, ou seja, na saúde, Winnicott (1965n) afirma que “a pessoa do bebê começa a ser relacionada com o corpo e suas funções, com a pele como membrana limitante” (p.58). A personalização implica em não haver apenas um desenvolvimento das funções intelectuais e sim de um corpo vivo, total, como ilustra o autor ao se referir a si mesmo dizendo: “executo meu trabalho muito mais a partir de meu ego corporal” (1960a, p.148). Winnicott (1958n) também se refere a esta etapa como o período em que as necessidades do corpo do bebê passam a ser necessidades do ego, possibilitado pela “elaboração imaginativa” (p.403) dessas funções corporais, muito mais que uma relação ego e corpo, o indivíduo passa a ter ego e corpo se unem em uma unidade psicossomática. E ainda: “a fruição do funcionamento do corpo reforça o desenvolvimento do ego, mas este último também reforça o funcionamento do corpo (influencia o tônus muscular, a coordenação, a adaptação às mudanças de temperatura, etc.” (Winnicott, 1966d, p.89).

A partir de então as primeiras relações objetais podem ocorrer, um início que como o próprio Winnicott afirma, é complexo. Isso porque a princípio o objeto é de natureza subjetiva, ou seja, ele tem que ser apresentado pelo ambiente, mas feito de tal maneira que o bebê sinta que ele criou o objeto. Winnicott (1945d) ilustra esta

situação por duas linhas vindas de sentidos opostos que se encontram em algum momento, e ao se sobreporem criam um “momento de ilusão” (p.227): a necessidade do bebê, que ele não sabe qual é, encontra o gesto da mãe, e este encontro se enche de sentido. Neste ponto o que a mãe oferece se estabelece como aquilo que o bebê buscava, e o objeto é sentido como tendo sido criado por ele. Em uma passagem Winnicott descreve esta situação:

Em outras palavras, o bebê vem ao seio, quando faminto, pronto para alucinar alguma coisa que pode ser atacada. Nesse momento aparece o bico real, e ele pode então sentir que esse bico era exatamente o que ele estava alucinando. Assim, suas idéias (*sic*) são enriquecidas por detalhes reais de visão, sensação, cheiro, e na próxima vez essas matérias serão usados na alucinação. Deste modo ele começa a construir a capacidade de conjurar aquilo que de fato está ao seu alcance. A mãe deve prosseguir fornecendo ao bebê esse tipo de experiência. (Winnicott, 1945d, p.227).

É importante, como indicado na citação, a continuidade deste processo em que o bebê sente que criou o objeto, e que constantemente cria e recria o objeto adquirindo assim “um apoio na memória” (Winnicott, 1965j, p.164). Este processo possibilitará com que o bebê tenha experiência da onipotência (Winnicott, 1965n) e esta é a base para que no futuro a adaptação à realidade se dê de maneira espontânea.

Todos os processos desenvolvidos até agora tinham como base o êxito dos cuidados ambientais, no entanto, é importante ser feitas as considerações caso a mãe não ofereça os cuidados necessários, que neste período tão primitivo terá como consequência a impossibilidade de se iniciar a maturação do ego do bebê. Se não há ego, não haverá id, ou melhor, não existirão experiências instintivas significativas, e qualquer manifestação instintual será sentida como uma ameaça de aniquilamento, ou enfraquecimento, do já frágil, ego do bebê. A simples experiência de alimentação poderá ser sentida como ameaça ao bebê, pois seu ego frágil não terá condições de conter dentro de seu campo de experiência as demandas instintivas envolvidas; o id estará para além do bebê, externo a ele e, portanto intrusivo. A situação é esta:

Um nenê está mamando ao seio e obtém satisfação. Este fato por si só não indica se ele está tendo uma experiência ego-sintônica do id, ou, ao contrário, está sofrendo o traumatismo de uma sedução, uma ameaça à continuidade pessoal do ego, uma ameaça por uma experiência do id que não é ego-sintônica, e com a qual o ego não está equipado para se defrontar. (Winnicott, 1960c, p.46)

Essa é, de acordo com Winnicott (1965vc/1983), a etiologia da esquizofrenia, por não haver um ego estruturado e forte o id permanece externo ao ego, seja de maneira parcial ou total. O ego frágil se torna ainda mais frágil e ameaçado pelas demandas instintivas, obrigando-o a organizar algum tipo de defesa de qualidade psicótica. Ele também atribui a gênese do autismo na falha do processo de maturação egoica, “reação produzida pelo fracasso de apoio ao ego” (Winnicott, 1960, p.57). Voltando à questão da esquizofrenia, a marca da cisão do ego está presente, mas isso nem sempre se apresenta no indivíduo de maneira aparente. Existem indivíduos que possuem um quadro de esquizofrenia em seu desenvolvimento e têm como uma de suas características um grande intelecto, ou que então apresentam precocidade nos seus desenvolvimentos iniciais, mas a “doença” se revelaria na “fragilidade do êxito”, ou seja, diante de uma pressão causada por alguma situação, o indivíduo não tem recursos para lidar e cinde.

Aqui há uma distinção clara entre o tipo de defesa empregada no quadro das neuroses em relação às psicoses. Enquanto nas neuroses o que está por trás das defesas é a ansiedade de castração, nas psicoses a natureza das defesas é a ansiedade de aniquilamento (Winnicott, 1965h). O ego frágil organiza, de alguma forma, defesas contra o colapso de sua organização (Winnicott, 1974), Winnicott deixa claro que mesmo nos quadros mais primitivos, como por exemplo, o “autismo da esquizofrenia infantil”, existe um tipo de organização defensiva, que carrega consigo uma “agonia impensável” ao indivíduo, um “medo clínico do colapso”. Este medo, entretanto, é de um colapso que já aconteceu e que está “escondido” no inconsciente, não um inconsciente reprimido, afinal a repressão é um mecanismo muito complexo nestes estágios. Simplesmente, o inconsciente ao qual Winnicott (1974) se refere aos eventos que estão para além da capacidade do ego em abranger em seu domínio, assim como a possibilidade de experienciá-los, neste momento: “o ego é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da sua área da onipotência pessoal” (p.73). Isso aparecerá na clínica sob a forma de um “não lembrar”, e mais uma vez, não porque está reprimido, mas sim porque o indivíduo “não estava lá para que lhe acontecesse” (p.73) afinal, a existência do indivíduo não pode estar dissociada do funcionamento egoico, e se no caso, neste início primitivo, o frágil ego do bebê não recebeu o suporte egoico necessário da

mãe, não criou forças para que pudesse funcionar de maneira que o indivíduo pudesse estar vivo e existindo como pessoa.

Winnicott ao tratar da questão do ego utiliza em grande parte no sentido de ser uma área da personalidade que possibilita a experimentação dos diversos tipos de eventos de tal forma que eles passem a fazer parte, de alguma forma, da integração do indivíduo. A ideia de “experenciar” é muito ampla, pois pode ter tantos desdobramentos e significações quanto outras palavras complexas como “ego”. Em um ponto, no entanto, Winnicott (1965n; 1989s) caracteriza o “experenciar” pelas funções de registrar, catalogar, categorizar e comparar, sendo que estas seriam experiências que estariam na base no pensar dentro do desenvolvimento saudável do ego do bebê, ou seja, o ato de “pensar” aparece como “uma maneira pessoal do bebê lidar com o fracasso graduado da adaptação da mãe” (Winnicott, 1989vq, p.167). Mas quando as coisas não vão bem, o “pensar” pode assumir um caráter de desenvolvimento prematuro do ego, ou melhor, um “despertar prematuro”, o que não garante seu desenvolvimento saudável. O ego terá que despertar da maneira que estiver disponível, mesmo que seu desenvolvimento ainda não seja pleno, e tal despertar prematuro aparecerá como alternativa ao bebê como substituto da figura materna que falhou, de maneira prematura e não gradual:

Se tomarmos agora o caso de um bebê cujo fracasso da mãe em adaptar-se é rápido demais, podemos descobrir que ele sobrevive por meio da mente. A mãe explora o poder que o bebê tem de refletir, de comparar e de entender. Se o bebê possuir um bom aparelho mental, este pensar transforma-se num substituto para o cuidado e a adaptação maternas. O bebê ‘serve de mãe’ para si mesmo através da compreensão, compreendendo demais. Trata-se de um caso de *Cogito, ergo in me apostate sun*. (Winnicott, 1989s, p. 122)

Aos indivíduos que tenham na história de seu desenvolvimento emocional um ego frágil e, por conta disso, um funcionamento débil, resta a esperança de retomar processos deixados para trás agora com o apoio egoico oferecido pelo terapeuta, e desta forma, o que havia de ter acontecido e não aconteceu, poderá ser experienciado pela primeira vez. Como Winnicott (1989vq) sugere a preocupação de um tratamento não é curar o paciente e sim oferecer, através da psicanálise, ou cuidado clínico, a possibilidade de alcançar um “certo grau de integração” (p.169).

Winnicott descreve, em termos de desenvolvimento do ego, a maneira pela qual o terapeuta “afeta” o ego do paciente:

- a) Contamos com certa força do ego nos estágios iniciais da análise, pelo apoio que simplesmente damos ao ego por fazer análise padrão, e fazê-la bem. Isto corresponde ao apoio dado ao ego pela mãe que (na minha teoria) torna forte o ego da criança se, e somente se, é capaz de desempenhar sua parte especial nesta época. Isto é temporário e faz parte de uma fase especial.
- b) Segue-se então uma longa fase em que a confiança do paciente no processo analítico acarreta algum tipo de experimentação (por parte do paciente) em termos de independência do ego.
- c) Na terceira fase o ego do paciente, agora independente, começa a se revelar e afirmar suas características individuais, começando o paciente a ver como natural o sentimento de existir por si mesmo. (Winnicott 1965d, p.154).

O paciente retoma com os cuidados do terapeuta as fases do desenvolvimento do ego até alcançar um estado de integração egoica em que possa reunir em sua onipotência os diversos tipos de experiência, inclusive as instintivas, e ter lugar também para “traumas”. De agora em diante ocorre uma mudança no tipo de necessidade do paciente, principalmente em termos de defesas que passam a ser mais relaxadas e utilizadas de maneira “econômica”, o processo analítico possibilitou o “crescimento e desenvolvimento emocional que tinha ficado em suspenso na situação original” (Winnicott, 1965d, p.154).

2.5 O ego em um contexto que envolve os conceitos de: narcisismo primário, eu e não-eu, EU SOU e Self

A questão envolvendo a melhor tradução para a palavra “*Ich*” já foi abordada no início deste trabalho, entretanto é de alguma valia reiterar o que foi lá desenvolvido. Atualmente nos trabalhos psicanalíticos tem-se tomado como melhor tradução do termo “*Ich*” a palavra “Eu”, mas, como já visto anteriormente, o uso do termo “Eu”, dentro da teoria winnicottiana pressupõe certo tipo de maturidade do indivíduo, ou seja, de acordo com as formulações feitas por Winnicott não é possível traduzir “*Ich*” por “Eu”, e sim manter a escolha feita por Strachey em traduzir a expressão alemã pelo vocábulo ego. Desta forma, a fim de clarificar esta questão,

apresenta-se a seguir a localização da noção de ego em relação a outros momentos do processo de desenvolvimento emocional primitivo. Primeiramente, a questão no narcisismo, seguido pelo momento em que é possível a utilização do termo “Eu”, e com isso distinguindo o “Eu” do “não-eu” culminando no estágio em que o bebê se torna uma pessoa inteira em meio à pessoas inteiras, e relações triangulares passam a ser possíveis. Por fim um breve panorama da noção de *Self* a fim de trazer alguns pontos que distinguem da noção de ego.

Winnicott deixa clara a importância do narcisismo primário, assim como do estágio de EU SOU no processo de desenvolvimento, e faz a seguinte afirmação: “Mas o indivíduo não pode desenvolver-se a partir de uma raiz de ego se esta estiver dissociada da experiência psicossomática e do narcisismo primário” (Winnicott, 1974, p.76). Primeiramente, sobre o narcisismo, Winnicott (1988) o toma como o período mais primitivo do processo de amadurecimento humano, fase em que os cuidados maternos só podem ser definidos em termos de *holding*, e em que a dependência é absoluta, pois, do ponto de vista do bebê, não é possível considerar a existência de duas pessoas, um estágio “em que somente um observador poderá distinguir entre o indivíduo e o ambiente (narcisismo primário) (Winnicott, 1955c, p.360). O ego do bebê inicialmente muito frágil, existindo mais como uma tendência inata a se integrar do que como algo concreto de fato, depende do apoio do ego da mãe para ser forte e então poder operar suas funções integrativas. Se as coisas acontecem de tal maneira, o bebê pode permanecer em seu estado de que “nada sabe” para além dele, e desta forma é possível se chegar à afirmação de que o narcisismo primário é a conclusão do ego:

Devemos lembrar sempre, eis a minha sugestão, que a conclusão final sobre o desenvolvimento do ego é o narcisismo primário. No narcisismo primário o ambiente sustenta o indivíduo, e o indivíduo *ao mesmo tempo* nada sabe sobre ambiente algum – e é uno a ele. (Winnicott, 1955d, p.380) (grifo do autor)

O narcisismo primário figura como um estágio normal da saúde (Winnicott, 1955c), e que pode aparecer, em uma análise, como um dos pontos a ser retomado nos processos integrativos do paciente (Winnicott, 1958k). Winnicott (1958k) ilustra tal questão ao se referir a uma paciente que precisou chegar a um estágio em que poderia apenas receber sem dar nada ao analista, uma relação de alívio e de sensação de irrealidade para ela. A paciente precisou regredir ao estado

em que o ambiente a sustentasse sem que ela precisasse se dar conta da existência do mesmo. A continuidade saudável a partir deste estágio de narcisismo primário é a desadaptação progressiva dos cuidados ambientais, de tal maneira que o indivíduo passe a incluir aquilo que está para além dele: “Em um ambiente suficientemente bom, o bebê gradualmente começa a descobrir maneiras de incluir objetos não-eu e fenômenos não-eu em seu próprio esquema corporal e, portanto, de evitar ferimentos narcísicos.” (Winnicott, 1962c, p.60)

Apesar de Winnicott utilizar em alguns de seus trabalhos o estágio de “narcisismo primário” como sendo a condição para que os primeiros desenvolvimentos possam ocorrer, nem sempre as formulações que envolvem os períodos mais primitivos do bebê são feitas neste termo, para bem dizer, ele mesmo descrevia nunca estar satisfeito com o emprego da palavra “narcísico” (Winnicott, 1989vp, p.149).

Retomando a frase do início desta discussão: “Mas o indivíduo não pode desenvolver-se a partir de uma raiz de ego se esta estiver dissociada da experiência psicossomática e do narcisismo primário”; pode-se considerar agora a questão da experiência psicossomática, que envolve o estabelecimento de um eu, que então repudia o não-eu, tendo como membrana limitadora a pele. Ao repudiar o não-eu o indivíduo é acompanhado de um “afeto ansioso” (Winnicott, 1965n), uma sensação persecutória que o auxiliará no estabelecimento de um estado pessoal, um estado em que poderia dizer “EU SOU” (Winnicott, 1965s, p.218), mas este não seria o fim do processo integrativo, mas sim um novo começo, “[...] uma posição a partir da qual a vida pode ser vivida” (Winnicott, 1989xd, p.332). A partir de agora o bebê poderá tirar proveito de sua capacidade de estar só.

É fundamental destacar que estes processos não ocorrem de maneira linear, os diversos tipos de integração se sobrepõem, como por exemplo, agora, o bebê já pode tirar proveito de sua “capacidade de estar só na presença da mãe”. Se, por um lado, chegar ao estágio em que se pode dizer “Eu estou só” indique muito crescimento emocional (Winnicott, 1958g), por outro esta capacidade do bebê só é possível, pois o ego da mãe apoia o ego do bebê. O que Winnicott está mostrando com isso não é uma confusão de termos, mas sim que se trata de processos que acontecem concomitantemente, tal quais as linhas melódicas de uma música escrita

com contraponto, ou seja, vozes independentes, paralelas entre si, que em diversos pontos convergem, mas que nem por isso tornam-se uma coisa só.

Agora, com o estabelecimento de uma unidade, EU SOU, também há o reconhecimento progressivo naquilo que é “não-eu”, as relações passam a se tornar mais sofisticadas e o bebê pode ser considerado uma pessoa total frente a pessoas totais. O bebê como pessoa inteira figura, pois, como resultado deste longo processo de amadurecimento, tal como afirma Fulgencio:

[...] diversas aquisições deverão ser feitas para que o indivíduo possa ter a possibilidade de estabelecer relações a três termos, reconhecendo a si-mesmo e ao outro enquanto pessoas inteiras e tendo, pois, um sentimento de responsabilidade para com esse outro. No ponto de vista de Winnicott, só após um longo período inicial de amadurecimento é que uma criança poderá viver situações do tipo das descritas por Freud em termos de complexo de Édipo. (Fulgencio, 2004, p.263).

Grande parte das contribuições de Winnicott à psicanálise está nos desenvolvimentos em torno da noção de *Self*, ou ainda como consideram Greenberg & Mitchell (1994): “a luta continuamente arriscada do *self* por uma existência individuada que ao mesmo tempo permita contato com outros” (p. 139). Dias (2003) afirma que a palavra *Self*²⁸ foi utilizada por Winnicott em dois sentidos diferentes, que no geral está associada ao estágio do “EU SOU” e que em outro momento de sua obra utiliza a palavra *self* para o “*resultado de qualquer experiência integrativa momentânea*” (p.144) (grifo do autor). Safra (2005), por outro lado, faz uma distinção clara do que seria o *self* e o “eu” na obra de Winnicott:

Diferencio o *self* do ‘eu’. Compreendo o *self* como uma organização dinâmica que possibilita a um indivíduo ser uma pessoa e ser ele mesmo. Trata-se de uma organização que acontece dentro do processo maturacional com a facilitação de um ambiente humano. A cada etapa desse processo há uma integração cada vez mais ampla decorrente de novas experiências de vida. O ‘eu’ seria, para mim, um campo representacional que possibilita ao indivíduo uma identidade nas dimensões do espaço e do tempo. (Safra, 2005, p.39).

Winnicott trata desta questão em diversos momentos de sua obra, mas em um importante trabalho ele posiciona que *self* seria “a pessoa que é eu” e que ele seria um indício da saúde, pois possibilita que as ações e o viver do indivíduo tenham sentido. Ele afirma que “somente o *self* verdadeiro pode se sentir real”

²⁸ Dias utiliza a expressão “si-mesmo” ao invés de manter a palavra na sua forma original inglesa.

(Winnicott, 1965h, p.122), ele seria o núcleo sagrado do indivíduo que jamais deveria ser “afetado pela realidade externa”, jamais se submetendo a ela. A base para o desenvolvimento saudável do *self* está na possibilidade da sensação de onipotência localizada no momento em que o objeto que se presentifica ao bebê é exatamente igual àquilo que ele criou (Greenberg & Mitchell, 1994). Para Winnicott (1965m) o *self* verdadeiro seria o lugar de onde o gesto espontâneo se origina, “o gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação” (p.135).

Caso não sejam dadas as condições necessárias para que o verdadeiro *self* se estabeleça a única opção que sobra ao indivíduo é o estabelecimento de um Falso *Self*, com a finalidade de proteger o *Self* verdadeiro. A importância da questão do *self* dentro da obra de Winnicott atinge proporções tais que ele passa a considerar como sendo o único critério diagnóstico das psicopatologias:

Winnicott chegou a usar o conceito de falso *self* como um único princípio diagnóstico, representando um contínuo de psicopatologia desde os estados psicóticos, nos quais o *self* falso desabou, até estados quase saudáveis, nos quais o *self* falso media seletiva e frugalmente entre o *self* verdadeiro e o mundo externo (1960b, p.150). A outra categoria de seres humanos, aquele domínio dentro do qual a teoria freudiana ainda se aplica, não é mais vista como uma forma de psicopatologia. Na neurose, cuidados parentais adequados produziram um *self* saudável. (Greenberg & Mitchell, 1994, p.153).

Tratar da questão do *self* na obra de Winnicott assume um caráter complexo e com extensos desenvolvimentos, o que não é o objetivo aqui, no entanto existe uma questão importante a ser abordada, se Winnicott utiliza as expressões ego e *self* como sinônimas. Esta problemática é apontada por importantes autores tais como Phillips, Abram, Fordham, Dias, Lins e até mesmo por Winnicott.

Phillips apenas cita esta questão fazendo referência direta ao reconhecimento por parte de Winnicott do fato. Jan Abram (1996), em seu livro “A linguagem de Winnicott” diz que a distinção clara dos dois termos só é feita pelo autor quando este busca ser específico na utilização de cada um deles, mas que de maneira geral a utilização é feita como se ego e *self* fossem sinônimos. Dias (2003) considera que os termos são distintos e que o ego conduziria a tendência integrativa na direção de um *self*. Lins (2002) em um artigo faz estudo comparativo na utilização das duas expressões e afirma que o ego, quando utilizado no sentido de “pessoa”, e *self* “não designam entidades diferentes” (p.781). Fordham (Winnicott, 1964h),

analista junguiano, em determinado momento chama a atenção quanto à utilização das duas palavras como sinônimas, fato que é reconhecido por Winnicott, que então faz questão de diferenciá-las, considerando o “*Self* como uma palavra e ego uma expressão usada por conveniência com um significado sobre o qual se concordou” (p.371). Apesar do reconhecimento por parte de Winnicott, em diversos outros momentos de sua obra ele diferencia os dois termos, como por exemplo, em um artigo em que tece comentários sobre o trabalho de Joseh Sandler (Winnicott, 1989xi), em que mais uma vez considera a palavra *self* como mais corriqueira, ao passo que o termo ego traz em si um acordo feito por uma comunidade científica no que se refere ao seu significado. Esta mesma ideia está presente, dias antes de sua morte, como mostra uma carta escrita por ele à tradutora de sua obra para a língua francesa:

Você, certamente, permanece confrontada com o mesmo problema que tinha no começo: como traduzir o *self* sem utilizar a mesma palavra que seria empregada para traduzir *le moi* (o ego). Vou tentar ajudar-lhe um pouco mais. Penso que o uso do termo *self* denota uma ótica diferente daquela que faz utilizar a expressão ego (*le moi*). No primeiro caso, dessa plataforma, a pessoa se insere diretamente na vida, no contexto do que é vivo (*vivant*); no segundo, aquele que emprega a questão ego (*le moi*), em suas palavras ou em seus escritos, o faz de um modo mais desligado, com menos engajamento de sua parte, talvez com maior clareza também porque está totalmente capacitado para tirar proveito de um modo de abordagem intelectual. (apud Lins, 2002, p.802).

Winnicott tem clareza quanto à distinção destas duas palavras, e mesmo com sua afirmação de que reconheceu ao comentário de Fordham “como um choque” (Winnicott, 1964h, p.371), é possível notar ao longo de sua obra a utilização dos termos de maneira distinta, o que talvez dificulte a questão é que as duas coisas, ego e *self*, estejam lá desde o começo do indivíduo, mas que uma passa a ter sentido anteriormente à outra: “verificar-se-á que o ego se oferece para um estudo muito antes da palavra *self* ter relevância” (Winnicott, 1965n, p.55). A linha que separa as considerações em ego e *self* é muito tênue, ao tratar da etiologia do falso *self* Winnicott (1965m) afirma que seu surgimento está no “início, no relacionamento mãe-lactente”, na “convivência” entre os dois, e que a teoria que abordasse tal questão não deve se referir aos “mecanismos precoces de defesa organizados contra impulsos do id” (p.132). Por fim, é digno de nota a afirmação categórica de Winnicott (1989c) que diz o seguinte: “Para mim o *self*, que não é o ego, é a pessoa que é eu [...]” (p. 210). A distinção dos dois termos é feita também

por outros autores psicanalíticos, como por exemplo, Pontalis que, ainda que se referindo à psicanálise em geral, faz uma afirmação que ilustra a ideia presente na totalidade da obra winnicottiana no que se refere na diferenciação das duas noções:

[...] o ego nada mais é do que uma soma, mais ou menos integrada, de identificações, um conjunto mais ou menos disparatado de funções: amálgama de *bric-a-brac* e de computador. O que o anima não está nele. O ego é o representante do organismo como forma, frágil por sua vulnerabilidade e reasegurador por sua fixação, como a imagem no espelho: espaço fechado e como que embutido entre o espaço do id, sempre pronto a invadi-lo e o espaço externo, sempre marcado pelo superego e ao qual ele deve enfrentar. O *Self (Soi)* não é elan vital, mas no espaço psíquico, é o representante do ser vivo: espaço aberto, se posso dizer, nas duas pontas, sobre o ambiente que nutre inicialmente e que em retorno ele cria. (apud Lins, 2002, p.803).

Ego e *self* são termos extremamente complexos, e que são abordados por uma série de importantes autores da psicanálise possibilitando, assim, uma infinidade de estudos, sejam eles estudos individuais ou comparativos. O fato é que as duas palavras não são sinônimas, possuindo cada uma delas suas particularidades, e deste modo estão presentes na obra de Winnicott, com suas especificidades e delimitações, mas que, por terem sua gênese em momentos primitivos no processo de amadurecimento emocional, sob uma leitura descuidada podem parecer possuir o mesmo significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de ego figura como um dos temas centrais da psicanálise desde sua origem até os mais recentes trabalhos. Assim como Foucault, que localizou o critério de avaliação das neuroses e psicoses no tipo de perturbação da totalidade da personalidade, Freud o fez utilizando como medida o ego, sendo a neurose um conflito com o id e nas psicoses um conflito com a realidade externa (Freud, S., 1923). O ego concebido por Freud serviu de referência para outros autores, como Klein, Fairbairn, ainda que cada um deles tenha feito seus próprios desenvolvimentos. Independentemente dos desdobramentos feitos por esses autores, um dos pontos que caracteriza a noção de ego é sua concepção complexa com capacidades sofisticadas desde o nascimento do indivíduo. Para Freud o ego seria derivado do Id e teria como principal função o papel de mediador das forças do id e do superego. Em Klein, o ego estaria presente desde o início e com a sofisticada capacidade de se identificar com objetos. Fairbairn, num sentido muito próximo a Klein, também concebia um ego existente desde o nascimento do bebê, estando ligado a diferentes objetos externos, objetos estes, que não sendo satisfatórios, seriam internalizados promovendo assim a cisão do ego. Este, no entanto, não seria um modelo patológico, mas sim um modelo geral, afinal, para Fairbairn todos os indivíduos, em maior ou menor grau, apresentam um ego cindido, sendo esquizoidia uma característica presente em todos os quadros clínicos.

A formulação de Winnicott difere das muitas formulações sobre a noção de ego estabelecida até então. Como já dito no início deste trabalho, uma análise de todos os tipos de desenvolvimentos da noção de ego na psicanálise em comparação à concepção winnicottiana do tema seria grandioso demais, mas manter o foco nestes três autores se mostra muito coerente pelo seguinte: Freud, além de criador da psicanálise e quem proporcionou as maiores evoluções na área, foi a maior influência de Winnicott, que refere a si mesmo como freudiano (Winnicott, 1965t). Claro que esta afirmação pode ser questionada, tal como fizeram Greenberg & Mitchell (1994), mas também é possível verificar que Winnicott fez um trabalho de extensão do campo de atuação e abrangência da psicanálise, buscando os estágios

mais primitivos do desenvolvimento humano, e, desta forma, ao se contemplar o trabalho desenvolvido por Winnicott, somado ao que Freud já havia feito, o processo de amadurecimento emocional do ser humano parece ser abordado em sua totalidade. Klein também estaria dentro desta totalidade, fato que o próprio Winnicott reconhece, atribuindo a ela o lugar dado às depressões dentro do acontecer humano (Greenberg & Mitchell, 1994) A relação de Winnicott com Klein é muito importante, e em certo momento ele afirma que “aprendeu psicanálise com Klein”. Isso não quer dizer, no entanto, que ele tenha sido um kleiniano, uma atribuição feita por alguns autores, e que o próprio Winnicott descarta, como considerava Masud Khan, ninguém era “mais ele mesmo” (Winnicott, 1958a) do que Winnicott. Independentemente de ele ser ou não um seguidor fiel de Klein, ela foi uma grande influência na edificação de seu sistema de pensamento, e desta forma, relacionar a noção de ego proposta por Winnicott, com aquela feita por Klein nada mais é que uma necessidade. Por fim, Fairbairn, um analista importante no desenvolvimento da psicanálise, que ao lado de Klein foi o responsável pela consolidação do modelo estrutural relacional (Greenberg & Mitchell, 1994) Se em Winnicott, por alguns momentos, aparentemente há um distanciamento dos conceitos freudianos, em Fairbairn isso está explícito, talvez não em conteúdo, mas na maneira declarada com que Fairbairn fez isso. Em seus trabalhos, ele deixava claro que tinha como objetivo rever a teoria da libido proposta por Freud, e ao fazê-lo modificou vários conceitos clássicos, como o complexo de Édipo e a gênese e função do ego.

Ao longo de seus trabalhos a palavra ego foi empregada diversas vezes, e em diversos contextos, mas isso não significa necessariamente que o seu significado seja impreciso. Winnicott, por mais de uma vez, deixou claro que “ego” é uma palavra a ser usada com um significado pelo qual um grupo de pessoas concordou, e desta forma, os muitos usos da palavra assumem mais que um caráter de imprecisão e sim um termo com um espectro riquíssimo de características. A gênese do ego para Winnicott é complexa, pois há de se perguntar: existe um ego no começo? Em Freud poderíamos responder que não, pois o ego seria uma decorrência da cisão de uma parte do id. Em Klein a resposta seria afirmativa, posto que, para ela já existem relações objetais desde o início, de tal maneira que o ego do bebê está desde seu nascimento identificado com objetos. Em Fairbairn a resposta também seria positiva, pois para ele desde o início o ego do bebê está

ligado a diferentes objetos externos. Contudo, em relação à teoria freudiana existe uma diferença fundamental, pois para Fairbairn o id aparecia depois do ego. Na verdade ele não emprega a mesma nomenclatura, ele faz a seguinte referência:

Diferentemente do ego de Freud, o ego central não é concebido como sendo originado por outra coisa qualquer (o id), ou como constituindo uma estrutura passiva dependente para a sua atividade de impulsos precedentes da matriz da qual foi originado, e sobre cuja superfície se mantém. Pelo contrário, o 'ego central' é concebido como uma estrutura primária e dinâmica, da qual, como em breve veremos, as outras estruturas mentais derivam subsequentemente. O 'ego libidinal' corresponde, claro, ao id de Freud; mas, enquanto de acordo com a opinião de Freud o ego é um derivativo do Id, de acordo com a minha opinião o 'ego libidinal' (que corresponde ao id) é um derivativo do ego central (que corresponde ao ego). (Fairbairn, 1981, p.140).

A resposta de Winnicott estaria mais próxima a esta dada por Fairbairn, mas ainda assim sua proposta da gênese do ego ocupa um lugar único, afinal para ele o começo da vida humana estaria no momento em que o ego se inicia (Winnicott, 1965n). Assim como Fairbairn ele também não concorda com a formulação de Freud de um ego derivado do id, pelo contrário, Winnicott afirma que “não há id antes de ego”, o ego estaria inicialmente apenas como uma tendência inata, muito frágil e dependente do apoio do ego materno para se manter forte e então desenvolver. A formulação de Winnicott mais uma vez se aproxima da de Fairbairn, que afirma que o ego do bebê estaria presente desde o início e sua força estaria na ligação com o objeto externo “mãe”. Um dos pontos que diferencia, no entanto estas formulações é a natureza da elaboração, Fairbairn está concebendo a questão em termos de energia. Primeiramente ele critica Freud em formular uma “energia sem estrutura”, o id, e também uma “estrutura sem energia”, o ego; e com intuito de resolver esta questão reformula a questão da gênese do ego. Winnicott, em um caráter mais humanista, vê a questão da sustentação egoica não como a ligação do ego ao objeto, pois ainda não existe um bebê, e assim como não existe algo para além dele, o objeto.

Outro modelo de ego, em que é possível encontrar ressonâncias nas formulações de Winnicott, é o modelo proposto por Glover de núcleos do ego. Winnicott (1988) em certa passagem de sua obra escreve que suas ideias em relação a este tema advêm do trabalho de Glover, no entanto, não oferece detalhes ou algum tipo de aprofundamento na proximidade teórica dos dois, e ainda escreve

que: “não era minha intenção descrever a sua contribuição” (p.136).). Glover trabalha com a ideia de núcleos do ego, ou seja, o ego seria formado por um conjunto de pequenos núcleos egoicos que aglutinariam em um ego total. Se pegarmos este modelo e colocarmos ao lado daquilo que Winnicott concebe por ego é possível ver semelhança sim, afinal como o próprio autor afirma: “o ego é um conceito inseparável da existência do indivíduo como pessoa”, (1965n, p.55) E, inicialmente, a pessoa ou o bebê é um conjunto de pedaços soltos e a sustentação do colo da mãe reuniria todas estas partes, e, da mesma forma, o ego do bebê inicialmente frágil estaria disperso em seus pequenos pedaços frágeis e que o suporte egoico da mãe reuniria em uma coisa só, possibilitando assim pequenos momentos de integração. E esta sustentação contínua, ou este cuidado, possibilitariam ao bebê de fato de tornar uma coisa só, ou seja, o ego se integrar em uma unidade, que cada vez menos seria dependente do ego materno.

Uma vez que este ego está integrado ele pode por em prática suas funções, que Winnicott considera: catalogar, organizar, agrupar, vivenciar, etc. Ou seja, todas essas funções têm um objetivo comum, ou melhor, todas essas funções são desdobramentos de algo fundamental, a capacidade do bebê de experienciar de tal maneira que os diversos eventos passem a ser abrangidos dentro de sua capacidade egoica, levando assim ao caminho de uma existência verdadeira, um *self* verdadeiro, que possibilita que o indivíduo sinta a vida como “digna de ser vivida”. É neste sentido de uma área da experiência integrativa do ser humano que Winnicott afirmará que o ego precede o id, afinal, se não houver um ego forte o suficiente para experienciar, os eventos instintivos estarão sempre para além do bebê. A incapacidade de experienciar estaria na origem de algumas patologias psíquicas, ou dificuldades do “viver”, como por exemplo, na esquizofrenia em que o id está completamente externo ao ego. Assim também acontecerá em outros quadros clínicos, como por exemplo, na incapacidade de sofrimento que indicaria um ego ainda frágil demais para abranger em seus domínios o sofrimento.

Esta concepção de ego traz consequências diretas ao modelo de atendimento clínico para certos quadros, incluindo a modificação da postura do terapeuta. Anna Freud (2006), por exemplo, descreve o papel do analista como um “perturbador”:

Com o ego e o superego, o caso é diferente. À medida que as instâncias do ego esforçam-se por restringir os impulsos do id, por métodos próprios, o analista surge em cena como um perturbador da paz reinante. No decorrer do seu trabalho, ele elimina recalcamientos que foram laboriosamente realizados e destrói formações de compromisso cujo efeito era, de fato, patológico, mas cuja forma era perfeitamente egossintônica. A finalidade do analista, ao trazer o inconsciente para a consciência, e os esforços das instâncias do ego para controlarem a vida pulsional são antagônicos. Logo, exceto se a visão íntima do paciente a respeito da sua doença determinar as coisas de outro modo, as instâncias do ego encaram a finalidade do analista como uma ameaça. (A. Freud, 2006, p.28).

No *setting* proposto por Winnicott, estar diante de um paciente com um ego intacto significa que uma longa jornada do processo de amadurecimento emocional foi alcançada, até mesmo a depressão indica que exista uma estruturação egoica. Contudo, em alguns casos, o analista agirá no sentido de oferecer os cuidados necessários para que o paciente possa regredir a um estado de dependência absoluta. O analista estará no lugar do ambiente que oferece o apoio egoico ao frágil ego do paciente, que agora poderá retomar estados de “não-integração” sem que isso lhe pareça uma ameaça, visto que os cuidados ambientais estarão ali para assegurar sua sustentação. O paciente então poderia “se perder” em meio à sustentação egoica oferecida, para então, em um segundo momento “se encontrar”.

Por fim, é fundamental destacar que esse processo de integração do ego, não ocorre de maneira isolada, outros tipos de integração estão acontecendo ao mesmo tempo, o que pode levar a compreensão equivocada de que Winnicott está tomando um termo pelo outro. Em algumas passagens em que se argumenta que ele está usando ego como sinônimo de *self*, poderia se pensar nos dois processos acontecendo ao mesmo tempo, ainda que um esteja mais adiantado que o outro por alguns momentos, ou, mesmo que estejam acontecendo ao mesmo tempo, um deles ainda não tem relevância, pois o outro naquele momento é mais fundamental, talvez neste sentido que Winnicott (1965n) tenha dito: “o ego se oferece para estudo muito antes da palavra *self* relevância” (p.55). Claro que as confusões envolvendo a noção de ego com outros aspectos integrativos também são fruto da tradução, desde as traduções da obra de Freud do alemão para inglês, assim como do inglês para outras línguas, dentre elas a língua portuguesa. Ainda que as formulações deste parágrafo estejam equivocadas e que, realmente, Winnicott utilizava o termo ego de

maneira imprecisa, é fundamental que o possível erro não se perpetue, e os pesquisadores que utilizarem seu trabalho procurem ser específicos nas utilizações, ao invés de considerar que cada texto possui seu próprio uso e significado. Do contrário a distância do que está sendo compartilhado entre as comunidades científicas aumentará cada vez mais.

REFERÊNCIAS

Abram, J. (1996). *The Language of Winnicott. A dictionary of Winnicott's Use of Words*. London: Karnac Books.

Amiralian, M. L. T. M. (2007). A construção do eu de crianças cegas congênitas. *Revista Natureza Humana* [on line], Volume 9, n. 1. Recuperado em: 6 nov. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/nh/v9n1/v9n1a05.pdf>.

Baranger, W. (1981). *Posição de objeto na obra de Melanie Klein*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Bleichmar, N. M. B.; Bleichmar, C. L. (1992). *A psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

Fairbairn, W. R. (1941/1981), *Estudos psicanalíticos da personalidade*, Lisboa: VEJA.

Foucault, M. (2008). *Doença mental e psicologia*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.

Freud, A. (2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed.

Freud, S. (1895d/2007). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1914c/2010). Introdução ao narcisismo. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1923b/2007). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1924b/2007). Neurose e Psicose. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1940a/2001). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1995c [1895]). *Projeto de uma psicologia*. Tradução de O. F. G. Junior. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (2007). O Eu e o Id. *Escritor sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago.

Fulgencio, L. (2004). A noção de trauma em Freud e Winnicott. *Revista Natureza Humana*, Volume 6 (2), 15 p.

Gadamer, H. G. (2008). *Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Greenberg, J. R.; Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Guntrip, H. (2006). Minha experiência de análise com Fairbairn e Winnicott. *Natureza Humana*, 8 (2).

Hinshelwood, R. D. (1992). *Dicionário do pensamento kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kahr, B. (1997). *A vida e a obra de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Exodus.

Kalmanovitch, A. C. J. (1984). *Le paradoxe de Winnicott*. Paris: Payot

Khan, M. M. R. (1991). *Quando a primavera chegar: despertares em psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Klein, M. (1991a). *Inveja e Gratidão e outros ensaios (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1991b). *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago.

Klein, M. (1996). Amor, culpa e reparação, e outros trabalhos (1921-1945). *Obras completas de Melanie Klein* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1997). *A psicanálise de crianças* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago.

Kohon, G. (1994). *A Escola Inglesa de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (2004). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Lawn, C. (2007). *Compreender Gadamer*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lins, M. I. A. (2002). O self e o ego na obra de D.W. Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36 (4).

Loparic, Z. (1997). Winnicott e Melanie Klein: conflito de Paradigmas. In: I. F. d. M. o. Catafesta (Ed.), *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a universidade*. São Paulo: Lemos.

Mezan, R. (2002). *Interfaces da psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Miller, J. A. (2002). *Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Ogden, T. H. (2002). Lendo Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36 (4).

OuteiraL, J. (2002). A tradição freudiana de Donald Winnicott - A situação edípica, E sobre o pai? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36 (4).

Pereira, F. S.; David E. (2002). *Fairbairn and Relational Theory*. London: Karnac.

Person, E. S.; Cooper, A. M.; Gabbard, G. O. (2007). *Compêndio de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.

Phillips, A. (1988/2007). *Winnicott*. São Paulo: Ideias & Letras.

_____. (2008). *Louco para ser normal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Roudinesco, E. (1994). *Jacques Lacan: esboço de uma vida. História de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.

Safra, G. (2005). *A face estética do self*. Aparecida, SP: Ideias & Letras; Unimarco.

Scharff, J. S. S., David E. (2005). *The Legacy of Fairbairn and Sutherland*. New York, NY: Routledge.

Souza, P. C. d. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano*. São Paulo: Companhia das Letras.

Toledo, S. P. R. d. (2008). *Integração, personalização e realização: a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Winnicott, D. W. (1934c/1978). Urticária papular e dinâmica da sensibilidade cutânea. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. (1944a/1978). Psiconeuroses oculares. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves

_____. (1945d/1978). Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, W6.

_____. (1945h/1997). Para um estudo objetivo da natureza humana. In: *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1948b/1978). Pediatria e psiquiatria. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, W6.

_____. (1949b/1982). O bebê como uma organização em marcha. In: *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogans, W7.

_____. (1953a/2000). Psicoses e cuidados maternos. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1953c/1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1953i/1994). Resenha de *Psychoanalytic Studies of the Personality*, de W. R. D. Fairbairn. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1953f/1994). Resenha de "*Maternal care and mental health*". In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1954d/1997). Duas crianças adotadas. In: *Pensando sobre Crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1955c/2000). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1955d/1978). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. (1956a/1978). Formas clínicas da transferência. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. (1958a/2000). O apetite e os problemas emocionais. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1958b/1978). A agressividade e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. (1958c/1995). A tendência anti-social. In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1958d/1978). Ansiedade associada à insegurança. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. (1958f/1978). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Winnicott, D. W. (1958g/1983). A capacidade para estar só. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1958h/1983). Análise da criança do período de latência. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1958i/1983). Sobre a contribuição da observação direta da criança para a psicanálise. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. (1958j/1983). O primeiro ano de vida: uma nova visão sobre o desenvolvimento emocional. In: *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1958k/1978). A defesa maníaca. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. (1958n/1978). A preocupação materna primária. In: *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. (1958s/1994). Ernest Jones Obituário. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1958o/1983). Psicanálise do sentimento de culpa. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1959/1994). Melanie Klein: Sobre o seu conceito de inveja. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1989vq/1994). O pensar e a formação de símbolos. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1960a/1983). Contratransferência. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1960b/1983). Cordão: uma técnica de comunicação. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1960c/1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1961a/2001). Consequências da psicose parental para o desenvolvimento emocional da criança. In: *Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1962c/1997). Observações adicionais sobre a teoria do relacionamento parento-filial. In: *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1963a/1996). Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psíquica. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1963b/1996). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1963c/1996). Os doentes mentais na prática clínica. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

_____. (1963i/1994). Resenha de “*The non-human environment in normal development*” de Harold Searls. Artigo. *Schizophrenia*. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1964c/1988). O recém-nascido e sua mãe. In: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1964e/1989). O valor da depressão. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1964h/1994). Resenha de *Memories, Dreams, Reflections*, de C. J. Jung. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965d/1983). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965h/1983). Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1965j/1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965m/1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965n/1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965r/1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965s/2001). Influências de grupo e a crianças desajustada. In: *A família e o desenvolvimento do individual*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1965t/1993). Crescimento e desenvolvimento na fase imatura. In: *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1965va/1983). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In: *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965vc/1983). Provisão para a criança na saúde e na crise. In: *O ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965vd/1983). Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1965vf/2001). O relacionamento inicial da mãe com o filho. In: *A família e o desenvolvimento individual* São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1965vj/1984). Resenha de “*Childhood and Society*”. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1966c/1984). Dissociação revelada numa consulta terapêutica. In: *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1966d/1984). A enfermidade psicossomática em seus aspectos positivos e negativos. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1967b/1975). A localização da experiência cultural. In: *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1967c/1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1968c/1989). O conceito de regressão clínica comparado com o de organização defensiva. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1968i/1975). O Brincar: uma exposição teórica. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1968k/1984). O jogo do rabisco (*Squiggle game*). In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1969f/1997). Um vínculo entre a pediatria e a psicologia infantil: observações clínicas. In: *Pensando sobre Crianças*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1969g/1994). Fisioterapia e relações humanas. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, W19.

_____. (1970b/1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: *Explorações Psicanalíticas*. São Paulo: Artes Médicas.

_____. (1971b/1984). *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Imago, W11.

_____. (1971d/1984). Sobre as bases para o self no corpo. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1971f/1989). O conceito de indivíduo saudável. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1971g/1975). A criatividade e suas origens. In: *O Brincar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1972b/1994). A loucura da mãe tal como aparece no material clínico como fator estranho ao ego. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1974/1994). O medo do colapso. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.

_____. (1984h/1989). Sum: eu sou. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1984i/1987). Variedades de psicoterapia. In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, W13.

_____. (1984f/1987). A Psicologia da Separação. In: *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1986e/1986). O conceito de falso self. In: *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1987b/1990). *O Gesto Espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1987e/2002). A mãe dedicada comum. In: *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1988/1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1989f/1994). D.W.W. sobre D.W.W. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989l/1994). Ideias e definições. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989m/1994). A importância do setting no encontro com a regressão na psicanálise. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989s/1994). Uma nova luz sobre o pensar infantil. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1989vk/1994). A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989vl/1994). Psiconeurose na infância. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989vp/1994). Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos (*split-off*) - [II - Material clínico]. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989vv/1994). Um sonho de D.W.W. relacionado a uma resenha de um livro de Jung. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989xa/1994). O uso do objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto alegre: Artes Médicas.

_____. (1989xh/1994). Raízes da agressão. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989xi/1994). Comentários sobre *On The Concept of The Superego*, de Joseph Sandler. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1989xd/1994). Michel Balint I - Tipos de caráter: o temerário e o cauteloso. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____. (1996o/1997). Introdução primária à realidade externa: os estágios iniciais. In: *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.